

BANCA EXAMINADORA

Dra. Sandra Duarte de Souza
(Universidade Metodista de São Paulo)

Dra. Neiva Vieira da Cunha
(Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto de Humanidades da
Universidade Candido Mendes)

Dr. Dario Paulo Barrera Rivera
(Universidade Metodista de São Paulo)

Na época de James, a religião parecia estar ficando cada vez mais subjetivada; parecia, pela própria natureza, estar-se enfraquecendo como força social, para se tornar uma questão inteiramente ligada aos afetos do coração. Os secularistas acolhiam essa suposta realidade como um sinal de progresso, modernidade e liberalidade de consciência; os fiéis resignavam-se a ela como o preço necessário por estas coisas. (James, como lhe era característico, tinha as duas posturas.) Para ambos, a religião parecia estar gravitando para seu lugar apropriado, longe da articulação das preocupações temporais. Só que não foi assim que as coisas aconteceram. Os eventos de cem anos decorridos desde que James fez suas palestras – duas guerras mundiais, o genocídio, a descolonização, a disseminação do populismo e a integração tecnológica do mundo – menos contribuíram para compelir a fé para dentro, para as comoções da alma, do que para impulsioná-la para fora, para as comoções da sociedade, do Estado e desse tema complexo a que chamamos de cultura.

A “experiência”, por mais que seja impossível erradicá-la de qualquer discurso sobre a fé que seja receptivo a suas pretensões de regeneração (...), já não parece adequada para moldar, por si mesma, nossa compreensão das paixões e atos que, sob tal ou qual descrição, queremos chamar de religiosos.

É preciso empregar termos mais firmes, mais decididos, mais transpessoais, mais extrovertidos – “Sentido”, digamos, ou “Identidade”, ou “Poder” – para captar as tonalidades da devoção em nossa época.

Clifford Geertz

A Selma Silva Valim e Ismael Oliveira Valim, meus pais,
A Hauliane e Rodrigo, meus irmãos,
Eu dedico este trabalho

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, onde aprimorei minha capacidade de observação dos fenômenos religiosos;

A Dra Sandra Duarte de Souza, quem orientou minha percepção com cuidado e carinho, sempre destacado a paixão como princípio para uma boa investigação;

A Capes e ao IEPG pelo importante apoio;

A Dr. Dario Paulo Barrera Rivera, Dra Sandra Duarte de Souza, Dr. Leonildo Silveira Campos e Dr. Jung Mo Sung, por terem investido esforços nas disciplinas que me ajudaram a sistematizar minha investigação;

Ao Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Dr. Antônio Carlos Magalhães, e a sua equipe, pela excelência acadêmica que resultou na avaliação positiva do curso junto à Capes;

A Selma Silva Valim e Ismael Oliveira Valim, meus pais, Hauliane e Rodrigo, meus irmãos, por terem acreditado em mim e em meus sonhos;

A Dona Mariquinha, Dona Astrogilda, Mestre Antônio, Seu Miúdo, Caboclinho, Luzinete, José de Sabino, General, Dona Alda, Dona Orides, Mestre Josmar, Sidney, Seu Aloir e a muitos(as) outros(as) moradores(as) de Regência, pela liberalidade narrativa e pelos sorrisos fotográficos;

Aos meus grandes amigos Fabrício Fiorot, pela hospedagem, e Rodrigo Venturini, pelas pranchas;

A Giseli, Ari, Vasco, Alessandra, Profeta, Natal, Júlio Cordeiro, Robinho, Aline, Margareth...

Aos meninos e meninas da D' Reg Escolinha de Surf;

A Nego Paulo, Nega Rose e as neguinhas; a Manelzinho, Daiane, Mayla, Natalha e Manuela; a Erlane, Lêda e Pizza, por terem continuado como amigos muito próximos, apesar da distância;

A Felipe Berocan, Neiva Vieira, Brígida Renoldi, Gabriela Scotto e Edson Borges, por terem me ajudado a construir um saber antropológico;

A Elcio Santana, Manoel Ribeiro de Moraes, Josias da Costa Junior, Alexandre Castro, por terem sido meus principais incentivadores;

A Toninho, Fernanda Rocha, Ozéas, Luciana, Naira, Cristina, Fernanda Lemos, Lilia, Rogério, Cida, Rogério M., Diolino, Marcio, Diná, por termos caminhado juntos neste processo dissertativo;

Ao Jr Bombeiro e Rafael Hiram pela amizade e por terem viabilizado no Rio o surfe;

Ao Tietê, Saúde e São Bernardo, pelas idas e vindas seguras;

As uvas maduras no chão das ruas, aos sabiás, penas, sementes e pratos semelhantes, por seus sons, tons e sabores;

E ao Caboclo Bernardo, que com seu ato heróico deu os contornos da intrincada dinâmica investigada.

SUMÁRIO

Resumo	10
Abstract	11
Introdução	12
O Evento.....	16
Circuito Visual De Leitura Da Festa De Caboclo Bernardo	21

Capítulo I

ASPECTOS DO CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL NA VILA DE REGÊNCIA AUGUSTA	27
1.1 O CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS	31
1.1.1 A Unidade De Negócios Do Espírito Santo – Petróleo Brasileiro S/A.....	32
1.1.2 O Projeto De Proteção Às Tartarugas Marinhas – Pró-Tamar.....	36
1.1.3 O Processo Dramático	46
1.2 A RELIGIÃO E AS ESTRUTURAS POLÍTICAS E SIMBÓLICAS	48
1.2.1 A Institucionalização Da Festa De Caboclo Bernardo.....	49
1.2.2 A Cronologia Das Unidades Processuais	58
1.2.2.1 O Evento Fundante.....	58
1.2.2.2 A Morte Violenta Do Herói	59
1.2.2.3 O Resgate Da Memória	59
1.2.2.4 O Canal De Derivação De Águas	60
1.2.2.5 As Políticas Públicas E A Institucionalização Da Festa	61
1.3 Prancha 2 - Circuito Visual de Leitura das formas de produção pesqueira e de socialidade na foz do Rio Doce	63

Capítulo II

CONVERGÊNCIAS HISTÓRICAS, NARRATIVAS E SIMBÓLICAS COMO INSUMOS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RELIGIOSA.....	66
2.1 QUEM É O HERÓI?	67
2.1.1 O Caboclo	69
2.1.2 O Tupiniquim	75
2.1.3 O Botocudo	80
2.1.4 A Entidade	87
2.1.5 O Negro	90
2.1.6 Qual Das Versões Nos Interessa	93
2.2 A DINÂMICA RELIGIOSA, O HERÓI E O SANTINHO PRETO	93
2.2.1 A Festa De São Benedito	93
2.2.2 Santo Padroeiro Por Eleições Democráticas	98
2.2.3 O Substrato Narrativo	100

2.3 Prancha 3 - Circuito Visual De Leitura da Iconografia De Caboclo Bernardo 104

Capítulo III

A RAINHA E O GUARDIÃO: ASPECTOS DO COMPLEXO NARRATIVO

E RITUAL NA FESTA DE CABOCLO BERNARDO 106

3.1. A CULTURA E A CULTURA POPULAR..... 107

3.1.1 Cultura E Modernização..... 111

3.1.2 A Inversão Do Estigma 113

3.1.3 Tornar-Se Tradição 116

3.2. O GUARDIÃO, O BUSTO E O CEMITÉRIO 118

3.2.1 O Cemitério 120

3.2.2 A Tradição Escrita Como Incremento À Tradição Oral..... 123

3.2.3 O Doc-Tv “Assim Caminha Regência 128

3.3. A RAINHA, A CAPELA E A FESTA..... 130

3.3.1 Rituais De Recepção 131

3.3.2. A Capelinha 135

3.4 A COMPLEMENTARIDADE ENTRE A RAINHA E O GUARDIÃO 144

CONCLUSÃO..... 147

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 152

ANEXO A..... 163

VALIM, Hauley Silva. *Religião E Etnicidade: O Herói Caboclo Bernardo E A Construção Da Identidade Étnica Na Vila de Regência Augusta - ES.*, São Bernardo do Campo, Fevereiro de 2008, (163 p.). Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo.

Resumo

Na Vila de Regência Augusta, às margens do Rio Doce no município de Linhares - ES, uma intrincada dinâmica sócio-religiosa reveste de atribuições religiosas um herói cujo feito remonta os finais do século XIX. Bernardo José dos Santos, morador da vila, ficaria conhecido em âmbito nacional como o herói Caboclo Bernardo ao ser homenageado por Princesa Isabel, por realizar o salvamento de 128 dos 142 tripulantes do naufrágio do Navio de Guerra “Imperial Marinheiro”, próximo à foz do Rio Doce. O evento e suas conseqüências tornaram-se um marco na história da vila, inclusive o assassinato do herói nos meados da segunda década do século XX. Na continuidade narrativa, ritual e simbólica do ato heróico do Caboclo Bernardo esta investigação lança suas preocupações. Atualmente acontece na vila, todos os anos, a Festa de Caboclo Bernardo, uma festividade para onde convergem religiosos de diversas etnias – tupiniquim, botocudo, negros e caboclos – com o intuito de prestar homenagens ao herói na capela que leva seu nome. Neste sentido, esta etnografia pretende analisar o processo de construção da identidade étnico-religiosa na vila, pois, ele acontece concomitantemente e está umbilicalmente relacionado ao processo que eleva o herói ao patamar dos santos padroeiros das bandas de congo na região. Para isso, analisado será o contexto dramático onde a identidade da vila é construída; as confluências históricas, narrativas e simbólicas que contribuem para a atual configuração da identidade; e o contexto político-institucional organizado em torno do Caboclo Bernardo, paradigma central da construção da identidade. O método etnográfico, a antropologia interpretativa e a antropologia visual forneceram os contornos metodológicos desta investigação, que se constituiu como uma descrição densa.

Conceitos-chave: Etnografia, religião, etnicidade, rito, narrativa, símbolos e cultura popular.

VALIM, Hauley Silva. *Religion and Ethnicity: The Caboclo Bernardo Hero and the Construction Of the Ethnic Identity In the Village of Regência Augusta – ES, Brazil.*, São Bernardo do Campo, January, 2008, (159p). Master Theses in Sciences of Religion, Post-graduation program in Religion Sciences, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista in São Paulo.

ABSTRACT

In the village of Regência Augusta, at the Doce River's Banks in the Linhares council – ES, an intricated social and religious dynamic takes with religious attributes a herowhose made it happens in the ends of the 19th century. Bernardo José dos Santos, inhabitant of the village, would be nationally known as the Caboclo Bernardo Hero when honored by Princess Isabel, for saving 128 of the 142 crew members at “Imperial Marinheiro” war ship wreck, near the Doce river's mouth. The event and its consequences became a Mark in the village's history, including the hero's murder in mid-second half of the 20th century. In the narrative, ritual and symbolic continuity of the heroic act of Caboclo Bernardo, this research casts their concerns. Nowadays, every year in the village is celebrated the Caboclo Fernando Party, a festivity to where religious people from different ethnicities - tupiniquim, botocudo, negros and caboclos – unite to honor the hero in a chappel named after him. In this way, this ethnography tries to analyse the construction process of the village ethnic-religious indentity, since it happens concomitantly and is umbilically related to the process that brings the hero to the level of patron saints of region's congo bands (musical group with religious atributes). Therefore, will be analysed the dramatic context where the identity of the town is built, the historical, symbolic and narratives confluences that contribute to the current configuration of identity, and political-institutional context organized around the Caboclo Bernardo, central paradigm of the construction of identity . The ethnographic method, the interpretative anthropology and visual anthropology provided the methodological contours of the research, which constituted as a dense description.

Key-concepts: Ethnography, Religion, Ethnicity, Rite, Narrative, Symbols and Popular Culture.

1. INTRODUÇÃO

Na encruzilhada do Rio Doce com o mar “de” Regência o pescador observa compenetrado e com profundo respeito a mudança no tempo. Os ventos moderados e a superfície lisa e espelhada do mar vão se escamando enquanto o vento sul aumenta a intensidade. Neste momento os últimos pescadores procuram rapidamente alcançar a tranquilidade da foz do rio para amenizar a tensão com a iminente fúria das águas. Por certo, quase todos retiraram as redes d’água, caso contrário, elas serão arrastadas pelas fortes correntezas e se, porventura, forem encontradas, estarão despedaçadas e bem longe da foz do rio.

Enquanto isso no porto da pequena vila, de aproximadamente 1900 habitantes¹, se reúne um pequeno grupo de pescadores impedidos de varar a arrebentação por causa das grandes ondas que já castigam a praia. Momento propício às lembranças dos tempos áureos de pesca, quando não precisavam enfrentar a fúria do mar e a poucos metros dali lançavam suas redes de caceia na tranquilidade do rio e içavam-nas com toda sorte de peixes; feito *‘pilhas de cacau’*, caçaris, carapebas, bagres-bandeira, tainha, *‘peixes grandes’*, mero, cação de espada e o estimado robalo eram amontoados no porto. Agora só é possível encontrá-los em meio às intempéries do mar e com escassez, pois no rio assoreado já não adentram peixes com bom tamanho.

A setenta quilômetros dali, no município de Linhares, outro grupo que faz parte do cenário cultural de Regência se mobiliza. Da varanda de casa no início da manhã, como o pescador, o surfista observa o tempo. O gélido vento sul que castiga as palmeiras há três dias começa a diminuir, fornecendo os indícios de que na manhã seguinte haverá boas ondas nas praias de

¹ O Censo 2000 dividiu a população de Regência em urbana e rural, sendo a primeira, exatamente, 1.893 e a segunda 4.433 pessoas (IBGE, Censo:2000).

Regência. A sensação de “*adrenalina*” que marcará o tempo até a chegada do surfista a praia é semelhante à do pescador que anseia chegar à segurança da foz. A expectativa em relação ao mar de um é não só a fartura, mas a qualidade do pescado; do outro o tamanho e a perfeição das ondas.

Antes mesmo do alvorecer as pranchas estão amarradas sobre o carro, os equipamentos checados e a ansiedade os impulsionam para a praia. De Linhares, cidade de onde Regência Augusta é distrito, o principal acesso se dá pela BR-101 em sentido sul, deixando a rodovia federal em direção leste no distrito de Bebedouro pela rodovia ES-440. Apenas dez dos quarenta quilômetros que separam a BR da vila são asfaltados. A estrada segue paralelamente ao rio, que corta ao meio o Estado do Espírito Santo e o município de Linhares.

Boa parte do caminho é marcada por longos pastos rasteiros, pontuados por pequenos arbustos e dedicados à produção intensiva de gado de corte. Do lado esquerdo da estrada, as antigas fazendas conservam suas barcaças para a secagem da pequena produção de cacau, plantado em matas brocadas às margens do rio. O cacau foi introduzido na região no início do século XX, um período de recessão causado pela construção da estrada de ferro Vitória-Minas em detrimento da importância do Rio Doce, como um canal de escoamento de riquezas. De 1937 em diante o cacau forneceu o impulso econômico necessário para o desenvolvimento local e principalmente famílias italianas, baianas e mineiras se instalaram na região com incentivos do Estado, incrementando a gastronomia, a cultura e a religião. Pode-se imaginar naquelas fazendas, em um tempo não muito pretérito, quando as inúmeras casas, alinhadas às barcaças, eram habitadas pelos trabalhadores da lavoura cacauzeira, os chamados “caboclos brasileiros”², que possuíam um importante lugar neste período de desenvolvimento agrário (Zunti, 1982:83).

A estrada torna-se vermelha ao sair do asfalto. A depender da época a cor estará em forma de poeira ou de lama e estampada em carros e casas. Ao aproximar da estrada de terra ES-010, que liga Regência à capital capixaba, será fácil notar a mudança de relevo com a entrada na área da influência do Rio Doce, que na época das cheias transborda suas águas na planície

² A professora Maria Lucia Grossi Zunti, transcreve em seu livro o discurso de reconhecimento de Auto Guimarães e Sousa durante a inauguração em 1922 da “Festa do Cacau” em Linhares: ao “homem desconhecido, o caboclo brasileiro, que contribuiu com seu esforço e coragem para o desenvolvimento da lavoura cacauzeira do Rio Doce. Para este homem nossa admiração, nosso respeito e nossa estima. É ele que, sem auxílio e sem proteção, com apenas um facão, uma foice e uma mochila de farinha, dormindo ao relento e enfrentando toda sorte de perigos, abre a picada de todas as regiões inóspitas do território brasileiro, pela qual entra depois a civilização e o progresso” (Zunti, 1982:83).

costeira, e segue margeando a estrada elevada a mais de um metro do nível. Pela estrada ES-010 chegam à maioria dos freqüentadores de Regência. A quantidade de surfistas da grande Vitória na água supera a dos surfistas locais somada aos que vieram de Linhares. Não só surfistas chegam por este caminho, mas artistas plásticos, professores universitários, músicos e profissionais liberais procurando na vila a tranqüilidade e a liberalidade não encontrada nos grandes centros urbanos.

Antes de chegar à vila outras imagens que vão se revelando no caminho, por certo, deixaram suas marcas não só na geografia da região, mas principalmente na cultura. As comportas do canal Caboclo Bernardo; os gasodutos e os tambores da Unidade de Processamento de Gás Natural da Lagoa Parda; e a Base do Projeto Tamar, na Reserva Biológica de Comboios.

Ao sair da mata de restinga, que delineia boa parte da área de preservação ambiental é possível avistar o mar e a base biológica do Projeto Tamar. A estrada que margeia a praia da base do projeto até a vila possui três pequenas entradas onde ficam estacionados os carros dos visitantes e surfistas. A primeira é majoritariamente freqüentada por pescadores de arremesso, onde passam com famílias inteiras, muitos deles, pescando durante todo o dia. A segunda e a terceira entrada são freqüentadas principalmente por surfistas e em menor número banhistas. A vegetação do caminho percorrido do estacionamento até a praia é bem rasteira e encontra-se em abundância a rama florada da ipomoea e a salsinha da praia – que além de aromatizar uma cachaça bem apreciada na região – pontiaguda fura levemente os pés desavisados. Inúmeras garrafas plásticas e outros objetos lançados na extensão do rio acabam deixando a praia com um aspecto de poluída.

Finalmente o surfista alcança a praia e constata que a visão era a esperada. Uma sensação combinada substitui a ansiedade, a fascinação e o respeito tomam conta do grupo. Com poucas palavras vão discutindo a melhor estratégia para entrar no mar, enquanto preparam o equipamento: colocar a roupa de borracha, passar a parafina na prancha, fazer o alongamento e colocar a cordinha no pé. Seqüências em média de cinco ondas perfeitas, de aproximadamente 6' pés (dois metros), satisfazem o anseio dos surfistas. As ondas quebram perfeitas somente após a saída do vento sul, do que dependem também os pescadores, pois só assim as condições propícias para a navegação vão se formando.

Logo após o trecho da praia a vegetação se adensa ao mesmo tempo em que as placas das pousadas e dos comércios da vila vão aparecendo. Há três anos a primeira construção que se avistava ao chegar à vila era da Pousada de Dona Mariquinha. Agora, aos poucos, as margens da estrada de acesso vão sendo ocupadas por casas, sítios e outras pousadas contrastando assim com a antiga arquitetura que caracteriza a vila.

Desde que a perspectiva etnográfica começou a direcionar minha visão e questões relativas à identidade religiosa passaram a fazer parte de minhas preocupações acadêmicas, a pequena vila de pescadores localizada entre o rio e o mar na foz do Rio Doce me saltou aos olhos.

Regência parecia não pertencer ao município do qual é distrito. Talvez o fato de Linhares levar o nome do algoz dos antigos habitantes daquela região, os “temidos” indígenas botocudo, não torna interessante à municipalidade agregar às políticas públicas uma vila cuja memória remonta um passado sangrento e necessário para a implementação da “civilização” no norte do Estado do Espírito Santo. Imagino que ainda menos interessante é para a população da vila afirmar-se linharence, pois isso significaria se associar, simbolicamente, com a “necessária” política de extermínio implementada pelo Conde de Linhares³, Ministro Imperial de Guerra, tão preocupado com a dificuldade que os colonos encontravam para povoar a região (Reis, 2003:43).

Outros fatos acentuam a impressão de não pertencimento da vila à cidade de Linhares. A disposição geográfica, por exemplo, enquanto Regência está situada no extremo da margem sul da foz, a densidade demográfica e os interesses econômicos da cidade estão principalmente a noroeste da foz, isto é, na margem norte e rio acima. Outro aspecto que destoa a cidade da vila é a cultura religiosa. A representação social da expressão religiosa da cidade se reduz à cristã, sobretudo à católica. No entanto, na vila as principais representações associam o catolicismo a expressões de origem afro-descendente e especialmente a indígena. Neste sentido, existe um grande esforço, principalmente na vila, de deixar claras as fronteiras

³ A colonização da região do vale do Rio Doce foi a mais tardia do Estado, e atribuída à presença dos “ferozes e antropofágicos” índios botocudo (Saint-Hilaire, 1974:86). Segundo esta concepção, a presença de benfeitorias na região se deu somente após a política de extermínio adotada pelo Ministro do Império, Conde de Linhares, cujo nome foi dado à cidade em sua homenagem. O município de Linhares foi fundado em 1833, mas logo perdeu sua autonomia, readquirida somente em 1943. No entanto, atividades colonizadoras são desenvolvidas ali desde 1504 (Reis, 2003:43).

físicas e culturais entre a cidade e o distrito, mesmo que contínuas interações perpassem a relação.

Nos filhos ausentes da cidade de Linhares é mais fácil perceber quais são os principais aspectos que são acessados no momento em que se afirma a identidade cidadina. O complexo lacustre, a infra-estrutura da cidade, as potencialidades agroindustriais, a extração de petróleo e a longa faixa litorânea serão as imagens mais comumente acessadas. Outros poucos se recordarão da moqueca e da torta, e farão menção a elementos mais gerais da identidade capixaba. Na margem sul do Rio Doce as características reclamadas estarão estreitamente vinculadas ao modo de ser *caboclo*, e de forma alguma relacionadas às anteriormente citadas.

Imediatamente um tradicional morador da Vila de Regência colocar-se-á entre o rio e o mar para falar sobre quem é, e não estará suscitando a si próprio, mas ao grupo ao qual pertence. Logo a ênfase narrativa passará ao mar de acordo com a necessidade que houve de deslocar o meio de reprodução pesqueira causada pela crescente escassez de recursos do rio, ao longo dos últimos dez anos. Foi no mar, lugar que exerce ao mesmo tempo “temor e fascinação” ao povo da vila, o palco de um evento de proporções “dantescas” (Bahense, 1971:10) que faria de um “*simples caboclo*” de Regência um “*grande herói nacional*”, cujos sentidos sobre ele ocupam lugar especial nesta investigação⁴.

O EVENTO

Na noite tempestuosa de 7 de setembro de 1887 o cruzador da Marinha Imperial Brasileira, *Imperial Marinheiro*, naufragou no pontal da foz do Rio Doce. As narrativas contam que Bernardo depois de várias tentativas alcançou o navio em frangalhos nadando em meio à tormenta com uma corda amarrada à cintura. Cento e vinte oito dos 142 náufragos foram

⁴ A construção narrativa procurou evidenciar “no caminho” até a Vila de Regência não só aspectos estéticos, mas também indícios importantes para analisar o contexto da construção da identidade étnico-religiosa dos *caboclos* de Regência. O caminho até o contexto descrito é aquele no qual o pesquisador teve acesso ao grupo. Neste sentido, a descrição se baseia não só nas várias visitas antropológicas ao campo, mas também do surfista às praias da vila. A experiência etnografia constituída no encontro entre o surfista e o pescador forneceu uma visão privilegiada do campo. A prática do surf foi introduzida no local na década de 70 e passou fazer parte do cotidiano da vila quando incorporada no “estilo de vida” das novas gerações. A experiência foi em demasiado enriquecedora, pois o surfista e o pescador compartilham do mesmo espaço e do mesmo sentimento de respeito em relação ao mar, elemento que ocupa um lugar privilegiado no sistema simbólico local.

resgatados em uma pequena chalana conduzida pelo herói através do improvisado cabo de vai-e-vem.

A pedido dos marinheiros resgatados, Bernardo foi levado ao Rio de Janeiro e homenageado em ato solene por sua ação de humanidade pela Princesa Isabel (Reis, 2003: 72), com a medalha de ouro correspondente ao ato de “1ª classe designada pelo artigo 1 das instruções a que se refere o decreto de 1579 de 14 de março de 1887, 66º anos da independência do Império”⁵ (Arquivo Público Nacional - RJ, 1887: 150).

Cumprindo a sina de muitos heróis, em junho de 1917 Bernardo foi assassinado com um tiro de garrucha no peito, dentro de sua própria casa, por Lionel Ferreira de Almeida⁶ (Reis, 2003: 87). O herói permaneceu relativamente esquecido no contexto geral do Estado até no fim da década de 40, quando no 60º aniversário do feito heróico o Rotary Clube de Vitória promoveu vários atos com o ensejo de “resgatar” a memória do herói (Bahense, 1971: 113-129). Especialmente com a publicação do livro “O Caboclo Bernardo: O Naufrágio Do Imperial Marinheiro E Outros – Rio Doce” (1948)⁷, pelo membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo IHGB, Nobertino Bahense, foi reascendido o sentimento cívico pelo herói com a publicação dos depoimentos dos marinheiros náufragos, dos documentos que faziam menção ao ato heróico, entre outros relatos (Reis, 2003: 92).

Hoje o evento mais importante relacionado ao feito heróico e a memória de Bernardo, que certamente jamais foi esquecido na vila desde o naufrágio, é a Festa de Caboclo Bernardo. Na primeira semana de junho⁸, na data de aniversário da morte do herói⁹, encontram-se na Vila de Regência bandas de congo de todo Estado com intuito de prestarem homenagens ao “*grande herói*”. As narrativas remontam no contexto histórico do evento como sendo a

⁵ Apesar de transcrito por outros autores, é inédita a publicação visual deste documento, conforme será feito no Anexo 1.

⁶ São várias as narrativas sobre o que motivou Lionel a assassinar o herói: “para roubar a medalha de ouro que Princesa Isabel deu a ele”; por causa de “mulher e cachaça”; “por vingança”; “inveja”, pois só Bernardo teria recebido a honra por um salvamento que o algoz teria participado.

⁷ O livro possui duas edições. A primeira foi publicada em 1948 e a segunda, “revisada e consideravelmente aumentada”, em 1971.

⁸ As festividades na vila acontecem geralmente na mesma época da Festa do Divino Espírito Santo. No Estado de São Paulo, a festa do Divino, conta com a presença de grupos de Moçambique e Congadas. Novenas e ladainhas precedem a festa. É caracterizada por procissão de bandeiras e quermesse nas praças (Casado, 2001:199).

⁹ Segundo o “Auto de corpo e delito”, de Bernardo José dos Santos, o herói foi assassinado no dia 4 de junho (Reis, 2003:87).

origem da Festa de Caboclo Bernardo, como a forma de reconhecimento por parte da população local ao herói regresso da capital do Império.

É na continuidade narrativa e ritual deste evento que esta pesquisa lança as bases para descrever e analisar o processo de construção da identidade étnico-religiosa na Vila de Regência. Tenho como hipótese geral que está atrelado à construção da identidade étnico-religiosa na vila o processo que consagra o herói Caboclo Bernardo aos altares religiosos na região da foz do Rio Doce.

Para analisar e compreender a dinâmica da construção da identidade étnico-religiosa dos *caboclos* da Vila de Regência foi necessário dividir metodologicamente o processo social em três partes – que correspondem aos três capítulos desta dissertação – que, no entanto, decorrem concomitantemente no plano histórico.

No primeiro capítulo, a partir das noções de drama e processo social, descrito e analisado será o contexto sócio-histórico onde uma série de políticas energéticas e ambientais incidiu de forma dramática sobre a população da Vila de Regência. A hipótese é que este foi um período liminar e dramático, que ao longo do tempo tornou claras as contradições da organização social, sobretudo do modelo ambientalista implementado, dando origem a um processo de reorganização sócio-política que gerou “novos mitos, símbolos, paradigmas e estruturas políticas” (Turner, 2006: 76), conforme foi se institucionalizando a Festa de Caboclo Bernardo.

O segundo capítulo, por sua vez, também tem como objeto o contexto sócio-histórico, porém a ênfase da análise será cultural, voltada para compreender as confluências narrativas, étnicas e simbólicas, que acredito serem as responsáveis pelas atribuições religiosas destinadas ao herói do naufrágio, que teriam fornecido os contornos religiosos da identidade local.

O terceiro capítulo analisará os principais atores envolvidos no processo de institucionalização da festa e da incipiente devoção a Caboclo Bernardo, a partir o lugar que eles ocupam no universo narrativo e ritual vinculado ao herói do naufrágio. O capítulo

procurará visualizar os símbolos que são operacionalizados pelos atores e a forma que são projetados no cenário público veiculando a identidade dos *caboclos* de Regência.

A multiplicidade de sons, tons, ritos, símbolos e narrativas que me deparei ao adentrar na cultura da foz do Rio Doce foram fundamentais para definir a opção metodológica desta investigação. O método etnográfico foi eleito porque acredito que é possível desta perspectiva tratar a cultura não como um fenômeno construído de forma sincrônica e homogênea, mas como um tecido onde pode ser percebido as várias camadas de sentido que se sobrepõem umas às outras conforme a trama cultural vai se constituindo (Geertz, 1989:07).

As técnicas que utilizei foram a *observação*, a *participação* e as *entrevista não-estruturadas*, registradas em audiovisual e, sobretudo, em apontamentos em caderno de campo, que deram origem aos primeiros contornos desta etnografia¹⁰. Foram levantadas algumas histórias de vida de moradores(as) da vila que para que fosse incrementada a reconstrução narrativa. Recorri também a algumas fontes bibliográficas que de alguma forma têm servido de insumo para as tradições orais, conforme será possível perceber no capítulo III.

A Antropologia Visual constituiu-se como uma importante técnica ao diminuir a distância entre o visto e o descrito. A visualização dos rituais nas imagens permitiu coletar dados empíricos significativos, que facilmente se perderiam entre a infinidade de visagens de importante significação cultural que presenciei nas visitas ao campo. A imagem e o texto deverão ser considerados assim um relato único, sendo a fotografia¹¹ um “discurso indispensável na apresentação do resultado da pesquisa” (Attané & Langewiesche 2005:134).

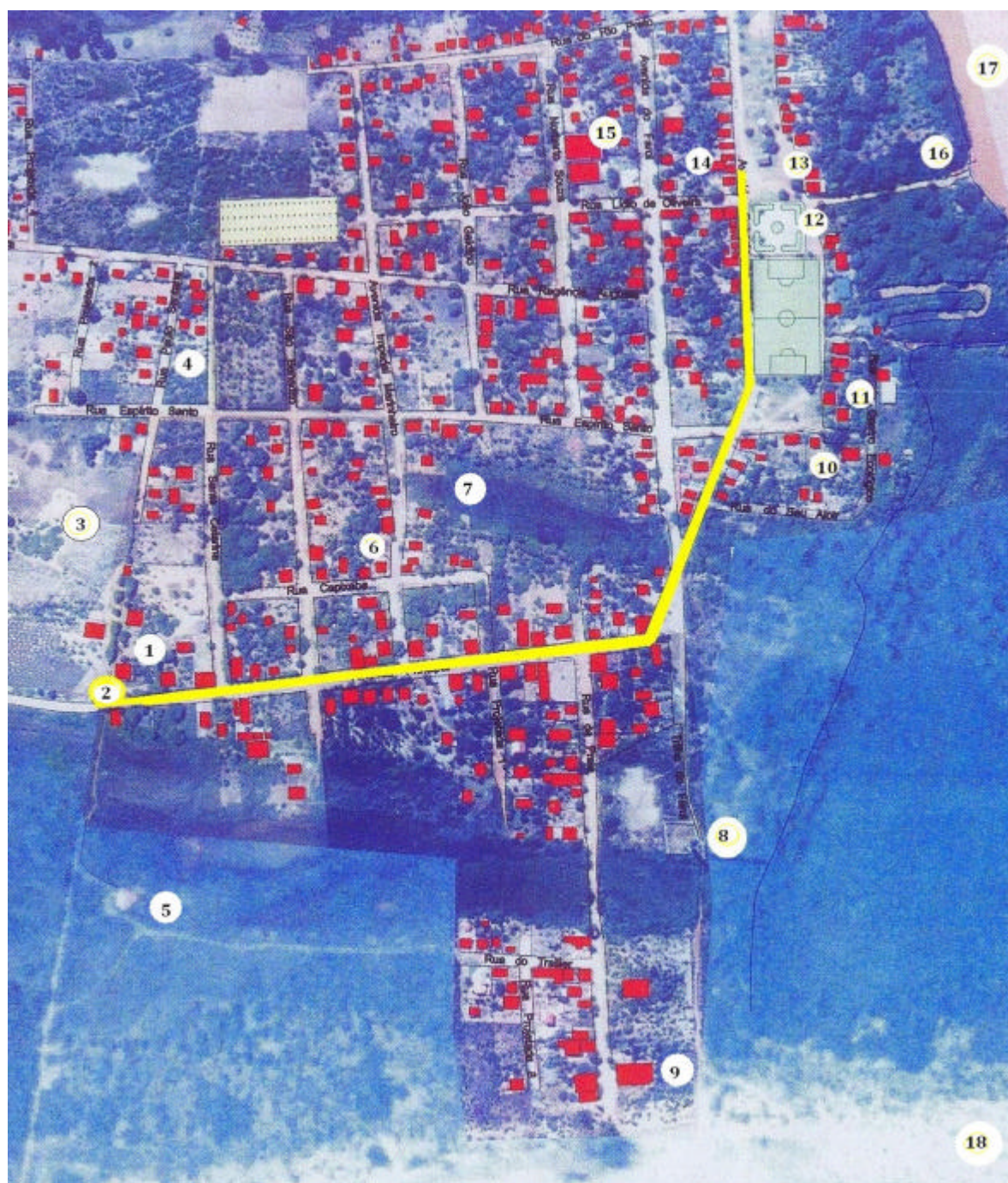
O primeiro e o segundo capítulo, inclusive a introdução, contarão com uma etnografia visual, apresentada em forma de prancha no fim do texto, nominada de “circuito visual de leitura”. O circuito que será apresentado a seguir pretende visualizar a continuidade da Festa de Caboclo Bernardo e estará mais relacionado ao terceiro capítulo. Os sentidos das performances e dos

¹⁰ A pesquisa de campo foi realizada em visitas trimestrais à vila de Regência durante os anos de 2005, 2006 e 2007. O esforço da observação participante, neste sentido, foi o de fazer parte da trama cultural, ou pelo menos encontrar um ponto de onde é possível observá-la por dentro. Conforme vão sendo construídas as relações sociais com aqueles que informarão sobre sua própria religião, o pesquisador vai sendo tecido junto à trama, pois ele acompanha o religioso no percurso onde o sentido é construído através da dinâmica cultural.

¹¹ A “fotografia não é mais, nem menos científica que a escrita” desde que aplicado o mesmo rigor metodológico e técnico na análise (Attané & Langewiesche, 2005: p.134).

símbolos presente nesta prancha, no entanto, serão analisados ao longo da dissertação. A prancha ao fim dos capítulos pretende visualizar em conjunto aspectos que foram discutidos por cada um deles.

PRANCHA 1 – CIRCUITO VISUAL DE LEITURA DA FESTA DE CABOCLO BERNARDO



Legenda

1. Pousada de Dona Mariquinha
2. Percurso ritual da Festa de Caboclo Bernardo
3. Visão parcial do sítio de Dona Mariquinha
4. Cemitério
5. Hospedagem para estagiários do Projeto Tamar
6. D'Reg Escola de Surf, sediada na casa de Fabrício Fiorot, onde me hospedei durante as visitas ao campo de pesquisa.
7. Área de proteção ambiental
8. Farol

9. Pousada do Projeto Tamar
10. Museu de Regência
11. Base central do Projeto Tamar
12. Praça onde se encontra o busto do herói e acontecem os ritos de dispersão.
13. Igreja Católica e Casa do Congo
14. Casa de Seu Miúdo
15. Escola; Quadra poliesportiva "Eupídio Angelo de Macedo, 'Miúdo'"
16. Porto
17. Rio Doce
18. Praia próxima à foz do rio

Antropologia e Imagem (Fotos Hauley Valim, 2005, 2006 e 2007)

Foto 1



Foto 2



Conforme vão chegando, as bandas de congo aguardam em frente da pousada de Dona Mariquinha o momento propício para serem recepcionadas e conduzidas ao espaço ritual, onde as atividades preparatórias começam antes mesmo do alvorecer. (Foto 1) A atenção já está voltada para o ato performático da festividade; o mestre aponta para o “fotografo” e chama a atenção das mulheres, que logo fazem visíveis as bandeiras dos padroeiros. Enquanto isso os homens estão preparando os tambores às margens da estrada e ao calor do fogo (Foto 2).

Foto 3



Foto 4



Na *capelinha* de Caboclo Bernardo, construída na pousada de Dona Mariquinha, acontecem as homenagens ao herói do naufrágio. (Foto 3) A Banda de Congo Mirim Caboclo Bernardo abre o espaço ritual com a primeira homenagem do dia. (Foto 4) Dona Mariquinha, munida de cetro e coroa de “*Rainha* das Bandas de Congo” e escoltada pelas princesas, conduz ritualmente a folia de reis até a *capelinha*. O itinerário será repetido até que todas as bandas convidadas sejam introduzidas no espaço ritual.

Foto 5



Foto 6



O conducente pára ao lado da *capelinha* enquanto a banda visitante entra para prestar homenagens ao herói. Sobretudo, entoam cantigas e dançam ao zoador dos tambores e canzás, prostram-se em silêncio, rezam e renovam seus pedidos. (Foto 5 e 6) Dona Astrogilda, da Banda de Congo São Benedito do Rosário, além de tudo profere prédicas dentro da *capelinha*, exaltando as atribuições dos santos e do herói e exortando os devotos a cumprirem suas promessas. Geralmente faz parte do conteúdo da prédica a renovação do compromisso anual com a Festa de Caboclo Bernardo e com a organizadora do evento, Dona Mariquinha.

Foto 7



Foto 8



(Foto 7) Depois de prestar homenagens a banda de congo sai da *capelinha* e acomodam-se no quintal da pousada, (Foto 8) os homens sobre os tambores e as mulheres no centro da roda a dançar. Quanto mais tempo os tambores tocarem e as mulheres dançarem não só se destacarão os santos padroeiros que as *Rainhas* levam nas bandeiras, mas a banda de congo em relação às outras presentes no ritual.

Foto 9



Foto 10



(Foto 9) Almoço, uma das contraprestações à performance das bandas na festa. Apesar de várias bandas comporem a fila para o almoço, os tambores nunca param. (Foto 10) “Reunião dos Mestres de Congo” um rito de agregação, protagonizado pelas lideranças das bandas, políticos e a Comissão Espírito-santense de Folclore, que se reúnem após o almoço para discutir a relação entre a *cultura popular* e as políticas culturais, um momento onde dramatizam as dificuldades encontradas pelas bandas para dar continuidade à “tradição”.

Foto 11



Foto 12



(Fotos 11 e 12) Dona Mariquinha e Seu Miúdo¹², respectivamente, em performance pública durante a Festa de Caboclo Bernardo, momento propício onde a identidade dos(as) moradores(as) da Vila de Regência é veiculada no cenário público associada ao herói. Esta é a representação da festa geralmente dramatizada no cenário público pelos meios de comunicação.

¹² As funções rituais de Mariquinha e Miúdo assim como a associação da imagem destes dois personagens à do herói serão tratadas no terceiro capítulo da dissertação.

Foto 13



Foto 14



A procissão sai da pousada de Dona Mariquinha, na Avenida Principal (Foto 13), e conforme segue pela Avenida Caboclo Bernardo (Foto 14) os(as) moradores(as) da vila vão se agregando a comitiva até a Igreja de São Benedito.

Foto 15



Foto 16



Enquanto as bandas de congo convidadas concentram-se em frente a Igreja (Foto 15) a Banda de Congo Mirim Caboclo Bernardo, como fizera antes na *capelinha*, abre o espaço ritual homenageando o padroeiro da Vila de Regência, São Benedito (Foto 16).

Foto 17



Foto 18



Na igreja as bandas de congo prestam homenagens a São Benedito (Foto 17). (Foto 18) Crianças cercam a imagem do santo instituído padroeiro de Regência em eleições democráticas.

Foto 19



Foto 20



Neste momento a presença da população da Vila de Regência na festa é mais marcante que durante os rituais que acontecem na pousada de Dona Mariquinha. Após as homenagens a São Benedito no final da tarde, diante do busto em bronze do herói, as performances das bandas de congo já não são marcadas pelo compasso ritual da solenidade (DaMatta, 1997:49), mas pela liberalidade festiva. Durante os ritos de dispersão as bandas de lugares mais distantes já se preparam para o regresso.

CAPÍTULO I

ASPECTOS DO CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL NA VILA DE REGÊNCIA AUGUSTA

Estive pela primeira vez na pequena Vila de Regência Augusta para um campeonato de surf chamado “O Festival das Tartarugas”, isso no início da década de 90. O evento possuía um forte apelo ecológico e era o mais esperado pelos competidores da região, pois aquela praia possuía a fama de ter as maiores e as melhores ondas do Estado. Além de uma excelente infra-estrutura, o campeonato oferecia uma importante premiação. Os enormes *banners* verde-amarelos informavam que a Petrobras era a principal patrocinadora.

O evento era uma espécie de festividade ecológica, pois já simbolizava a presença sedimentada e a nobre tarefa da preservação das tartarugas-marinhas implementadas pelo Projeto Tamar. Junto com o logotipo da Petrobras, as camisetas de competição traziam estampadas nas costas o ainda pouco conhecido *animal símbolo* de preservação dos oceanos, a tartaruga-marinha. Biólogos(as) e voluntários(as) caminhavam por toda praia distribuindo prospectos conscientizando expectadores(as) e competidores da nobre tarefa de preservar aquele ambiente, pois ali desovavam os últimos exemplares da tão ameaçada tartaruga gigante.

A sociabilidade entre surfistas e biólogos(as) foi sendo construída conforme era assimilada a “*consciência ecológica*”, pregada pelos ambientalistas. E com isso, proteger não só aquele ambiente com suas ondas, mas principalmente as tartarugas de qualquer tipo de *predação* deveria ser o papel dos surfistas. Junto com a agência ambientalista a prática do surf foi imprimindo na vila feições modernas em forma de pranchas desenvolvidas com alta tecnologia, previsões de tempo precisas, camisetas e bermudas multicoloridas e com tecidos sintéticos.



O surf desde o início da década de 70 foi aos poucos se tomando parte da ecologia da Vila de Regência. Fabrício Fiorot (no centro da imagem) é diretor da D' Reg Escolinha de Surf e fez da vila morada. Apesar de estar totalmente integrado a vivência na vila será sempre considerado como uma *pessoa de fora*, em contraste com seus alunos, que se reconhecem como *nativos*. O surf foi rapidamente assimilado pelas novas gerações por proporcionar uma relação de proximidade com o mar, além de ser um lazer, diferente das obrigatoriedades no que tange a produção pesqueira. Inicialmente houve uma resistência muito grande com a prática do surf pela população da vila por dois motivos: a associação do surf com o estigma do consumo de drogas e porque parte das novas gerações passaram a almejar mais a carreira do surf profissional que a pesqueira. No entanto, ao longo do tempo o surf passou a representar uma importante fatia da economia local ao incrementar a atividade turística, que além de ínfima estava associada ao turismo ecológico, especialmente ao Projeto Tamar. Este fato mudou de forma significativa a perspectiva que os(as) moradores(as) olhavam para o esporte, que passou ser visto de forma positiva pela maioria. A sede da escolinha (a casa de Fabrício Fiorot) foi onde me hospedei na maioria das vezes durante as pesquisas de campo facilitando a minha socialização com os “nativos” do surf, relações que, conseqüentemente, se estenderam as gerações mais antigas. A experiência foi muito enriquecedora, pois surfistas, pescadores e pescadores-surfistas compartilham do mesmo espaço e do mesmo sentimento de respeito em relação ao mar, elemento que ocupa um lugar privilegiado no sistema simbólico local (Foto: Hauley S. Valim, 2005).

Por outro lado, outra série de relações sociais foi sendo tecida tendo a boca do rio como elemento catalisador. O encontro entre surfistas e pescadores era inevitável, pois compartilhavam e construíam juntos um mesmo espaço simbólico. O lugar onde quebravam as melhores ondas era o mesmo lugar onde eram pescados os maiores robalos. Quando não eram os surfistas nos dias de boas ondas que a tomavam, eram os pescadores que nos momentos propícios colocavam suas redes de espera. Aquele espaço estava continuamente ocupado, a não ser nos dias das grandes ressacas de vento sul, pois era intransponível a arrebentação, tanto com pranchas quanto com embarcações de pesqueiras¹³.

Apesar do contato cada vez mais íntimo com os(as) moradores(as) da vila, as narrativas nada me informavam sobre o Projeto Tamar e a Petrobras, instituições que dividiam com Bernardo um lugar marcante nas representações simbólicas na vila. Apesar desta ausência nos discursos, não era difícil perceber as marcas destas instituições no cotidiano. Estavam impressa nas roupas, nas obras de arte, nos cartazes dos eventos como patrocinadoras e apoiadoras, nos projetos sociais, nas políticas públicas, nas reuniões das associações de moradores, de pescadores, etc. Com delicadeza, no entanto, aos poucos a observação, as narrativas e os levantamentos históricos foram me informando mais e mais sobre as relações sociais destas duas instituições com as lideranças e moradores(as) da vila. Foi inevitável perguntar sobre o processo de modernização e suas implicações sobre aquele lugar.

¹³ Os dias de ressaca propiciam na vila sonoridade especial. O som dos pássaros é abafado pelo constante estrondo das ondas castigando a foz do rio. Nestes dias os(as) moradores(as) da vila parecem viver outra temporalidade, que denuncia ainda mais o sentimento de respeito que possuem pelo mar. Fiz destas ocasiões momentos de intensa significação antropológica tecendo longas e densas conversas com pescadores e outros(as) moradores(as). As histórias de vida contrastavam principalmente a atual realidade pesqueira com há de vinte anos atrás, quando o pescado era abundante e legal o consumo de carne e ovos de tartaruga. Levantando questões sobre estes tempos, que eram relatados com profunda nostalgia, fui sendo tecido à sociabilidade naquele lugar, e, pouco a pouco, a empatia necessária para a realização desta etnografia foi sendo construída. Foram-me revelando aspectos da religiosidade local, das relações de parentesco, das técnicas e da territorialidade da pesca, e principalmente o sentido que possuía para a identidade daquele grupo Bernardo José dos Santos, o morador da vila que na boca do rio fez-se herói.



Pescadores observam a foz do Rio Doce num momento de ressaca logo após o domingo festivo da Festa de Caboclo Bernardo, 2007. Conforme o vento sul vai diminuindo de intensidade e vai dando lugar ao vento nordeste (ventos preponderantes na região) as ondas agitadas vão diminuindo de tamanho e se alinhando na boca do rio, tornando-se “*perfeitas*” na linguagem dos surfistas. Este fenômeno também informa que logo será possível retornar ao mar com as embarcações e as redes de pesca (Foto: Hauley S. Valim, 2006).

A partir deste contexto, pretendo discutir neste capítulo¹⁴ o contexto político e social na Vila de Regência Augusta e sua interação com o ambiente religioso emergente materializado nas expressões que possuem como paradigma o herói Caboclo Bernardo. As questões recaem sobre as implicações da implementação de políticas energéticas e ambientais, sobretudo a vocação estruturante da última, no cenário sócio-cultural da vila. Tal problemática será analisada do ponto de vista do processo social, que em suas unidades incidiram de forma dramática sobre aquela sociedade. Segundo o antropólogo anglo-americano Victor Turner, que balizará as reflexões deste capítulo, quando a sociedade humana é tomada como um processo social é possível destacar sua principal qualidade que é

¹⁴ Este capítulo está dividido em duas partes, uma mais descritiva e a outra (a partir daqui) mais interpretativa.

A capacidade que os indivíduos possuem de, por vezes, ficar fora dos modelos, padrões e paradigmas de comportamento e pensamento, os quais são condicionados a aceitar quando crianças e, em raros casos, inovar eles mesmos certos padrões ou aquiescer às inovações (Turner, 2006:02).

1.1 O CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Regência, na beira sul da foz do rio Doce... daqui pra cima todo o vale se agita em uma febre de progresso; motores novos pulsando rio, a estroenga limpa o mato, o machado abate os troncos, o cacau se alastra, as cerrarias guincham, os colonos requerem terras, a ferrovia se renova, os minérios são arrancados da terra... Mas Regência dormita.

Reminiscências – Rubem Braga

Não é possível negar o fato de serem temporalidades e espacialidades diferentes a urbana da considerada rural, assim como são diferentes as temporalidades do espaço privado em relação à do espaço público (DaMatta, 1997). Entretanto, não se pode cair no erro de imaginar estarem longe dos processos modernizadores, lugares e lugarejos, com relativo distanciamento geográfico e com relativa distintividade cultural, o que para muitos pesquisadores(as) poderiam ser classificadas como sociedades tradicionais em oposição às sociedades modernas; rurais em oposição ao urbano; estáticas em oposição ao dinâmico; o atraso em oposição ao progresso; oposições que carregam o ranço dos postulados evolucionistas.

Um olhar mais atento sobre o contexto sócio-econômico da foz do Rio Doce perceberá que era apenas uma impressão o estado de dormência em que se encontrava a vila em relação ao rio acima, conforme descreveu Rubem Braga. O sono daquele lugar não fora menos agitado que a efervescência progressista que mobilizava as populações do médio Rio Doce, mas fora menos visível. A região da foz foi perfurada em todos os sentidos por um dos maiores

símbolos do desenvolvimento: as políticas energéticas; ora para encontrar novas reservas de petróleo e de gás natural, ora para receber os dutos que viabilizavam o abastecimento energético das grandes fábricas implantadas no Estado, principalmente a Aracruz Celulose, a Vale do Rio Doce e a Companhia Siderúrgica de Tubarão¹⁵. Concomitantemente, despertava-se sobre a região o atento olhar ambientalista que procurava no litoral a incidência de tartarugas marinhas e pontos estratégicos para sua preservação, mentalidade que vinha quase de mãos dadas com processos de industrialização tardios.

Dedicar-me-ei, desde então, a descrever e analisar as políticas públicas que considero importantes para compreender a atual contexto sócio-político-religioso da Vila de Regência Augusta. Em grau de importância dedicarei mais ou menos tempo à unidade processual que será analisada.

1.1.1 A UNIDADE DE NEGÓCIOS DO ESPÍRITO SANTO – PETRÓLEO BRASILEIRO S/A¹⁶

Uma grande marca visual que de longe é notada no caminho entre Linhares e Regência é a Unidade Operacional da Lagoa Parda. Os quatro grandes *tambores* de processamento de petróleo sinalizam a proximidade com a vila. Da boca do rio ela serve de referência para os(as) moradores(as) mostrarem o lugar onde aconteceu a façanha do herói Caboclo Bernardo.

A Unidade Operacional pertence à Unidade de Negócios de Exploração e Produção do Espírito Santo (UN-ES) e os *tambores*, como são chamados, que de longe podem ser avistados, são os processadores da UPGN (Unidade de Processamento de Gás Natural), que viabilizam para o consumo a maior parte da produção da Bacia de Gás Natural do Espírito Santo. Dali, o gás vai sendo escoado silenciosamente pelos gasodutos Lagoa Parda-Vitória e Cacimbas-Vitória para atender o mercado consumidor capixaba. O petróleo é transportado por

¹⁵ Estes empreendimentos são considerados como grandes símbolos da modernização do Estado implementados pelo governo militar, uma política de desenvolvimento que caracterizou boa parte das políticas também militares aplicadas em outros países da América Latina.

¹⁶ A fundação da Petrobras faz parte da série de empreendimentos nacionalistas realizados pela política econômica do Presidente Getúlio Vargas. A Estatal além de fazer parte do projeto desenvolvimentista do Estado Novo era uma importante forma para viabilizá-lo. A preocupação política de Vargas consistia em gerar capacidade de “produzir bens e/ou prestar serviços considerados essenciais ao desenvolvimento econômico”, neste caso, o fornecimento energético (Maia, 2003: 29).

caminhões-tanque até a unidade onde é transferido para navios petroleiros¹⁷ por tubulações submarinas.

Os coqueiros plantados em torno da Unidade Operacional insistem em crescer em meio à intensidade do vento e o forte odor de petróleo exalado pelos terminais de transporte. Apesar da presença constante de carretas tanque no estacionamento do terminal, a impressão é que aquele lugar é inabitado, ou melhor, inabitável. Quase nunca é possível ver pessoas trabalhando ali.



Ao fundo, a Unidade de Processamento de Gás Natural – Lagoa Parda é parte integrante na paisagem e serve como parâmetro de localização na vila. As narrativas contam que o naufrágio do navio Imperial Marinheiro aconteceu “*em frente os tambores*”, e por isso são usados como referência pelos(as) moradores(as) para indicar aos(as) turistas e visitantes o lugar onde aconteceu o evento que mudaria a história do lugar. A fotografia foi feita no extremo da foz do rio em direção sudoeste (Foto: Hauley Valim, 2006).

¹⁷ Os navios petroleiros possuem seu lugar na simbologia do lugar. Sua presença constante na praia acaba sempre registrada nas pinturas feitas pelos artistas locais, além de compor com certa regularidade as fotografias de surfistas, pescadores e turistas.

Outro implemento não tão visível no caminho até a vila são os gasodutos da UPGN, que cortam toda a região. O gasoduto Lagoa Parda-Vitória foi construído pela Petrobras na década de 80, na gestão do presidente Ernesto Geisel, para abastecer o parque industrial da Aracruz Celulose¹⁸. Os dutos percorrem por território tupiniquim em todo comprimento e seguem margeando o litoral até seu destino final¹⁹. Já o gasoduto Cacimbas-Vitória, recentemente construído, percorre por fora dos territórios indígenas para incrementar o consumo residencial e industrial na capital capixaba (Veiga, 2005: 39-40).

A presença da Petrobras com seus fins energéticos viria marcar profundamente a dinâmica social na Vila de Regência Augusta. Implementada justamente na época em que se vigorou a proibição do consumo de carne e ovos de tartarugas, muitos dos moradores especialmente os mais jovens tiveram sua mão-de-obra empregada na construção da base e na instalação dos dutos. Uma importante parcela da nova geração de pescadores, neste sentido, teve sua mão-de-obra empregada na construção da infra-estrutura da estatal.

Neste contexto, já despontam novas formas de inserção econômicas alternativas à pesca e à coleta de ovos e carne de tartaruga, que apesar de serem uma forma de amenizar a condição adversa das proibições no plano ambiental, isso significa transformações nas formas de sociabilidade e de transmissão do conhecimento entre as gerações. Aspecto que incide sobre um referencial marcante da identidade do grupo social: a relação com o rio e o mar através da atividade pesqueira.

Hoje, porém, a mão-de-obra empregada pelo setor na vila não é mais gerenciada pela S/A, mas por empresas terceirizadas, que possuem uma presença ainda mais marcante no cotidiano da vila. As opiniões sobre elas divergem. Todos os dias da semana, no início da manhã, na hora do almoço e no fim da tarde a vila é tomada por um batalhão de homens uniformizados. Os amistosos à presença das empreiteiras são orientados pela importância da mão-de-obra de moradores(as) da vila empregada e pela economia que estas empresas representam para

¹⁸ Sobre o impacto deste empreendimento na região, especialmente sobre os indígenas do município Aracruz, que faz fronteira com o distrito de Regência, Felipe Berocan em uma perícia técnica afirma: “no final da década de 1960, um grande empreendimento multinacional de plantio de eucaliptos e posterior processamento de pasta de celulose chegou à região, ocasionando uma série de mudanças ambientais e conflitos territoriais. Tal empreendimento trouxe, além de impactos no ecossistema regional, uma ameaça aos modos de vida de populações tradicionais que tinham na terra e nos recursos hídricos sua fonte de sobrevivência e reprodução cultural” (Veiga, 2005:8).

¹⁹ A construção do gasoduto já foi alvo de vários processos judiciais que envolveram a Petrobras e os indígenas. Os questionamentos eram sobre a autorização da construção e os impactos socioambientais que causaram àquela população (Veiga, 2005:8).

restaurantes e pousadas, que atendem a demanda de alojamento e alimentação dos trabalhadores. Os serviços contratados significam para as famílias proprietárias²⁰ uma relativa segurança econômica. Os contrários são orientados por uma questão moral. Atribuem ao grande contingente masculino empregado a responsabilidade pelas áreas de prostituição que acabam se instalando na vila. Outro fato são as interações sociais, indesejadas pelos pais, entre as jovens e adolescentes com os *peões de fora*²¹, como são classificados os trabalhadores das empreiteiras, pois a característica sazonal das atividades técnicas não garante a permanência dos mesmos durante muito tempo na vila²².

Uma das formas de exercício de poder da Petrobras sobre a comunidade tem um forte caráter político e assistencialista. A empresa acaba sendo a principal financiadora de eventos, projetos sociais e culturais na comunidade, além de ser a patrocinadora oficial do Projeto Tamar, o que resulta em uma relação de dependência entre a estatal e a comunidade de pescadores. Os acessos a estes “benefícios” geralmente são motivos de disputa e conflitos²³.

Clifford Geertz tomou a cultura não como uma entidade que determinava os acontecimentos sociais, as formas de se conceber o mundo, etc. Os fatos não aconteciam causados pela cultura, antes disso, segundo ele, acontecem tramados nela. Tomando emprestado o conceito

²⁰ No entanto, uma pequena parte das pousadas e dos restaurantes que atendem esta demanda pertencem às famílias dos pescadores. Em sua maioria foram construídos por iniciativa de pessoas de outras localidades, principalmente de Vitória e Linhares, que viram ali a oportunidade de ter o próprio negócio, embalado pelo “progresso” que geralmente acompanha as descobertas de novas jazidas de petróleo e gás natural. Estas pessoas, junto com surfistas, aposentados, professores, artistas, etc. que fizeram da vila sua residência são classificadas pelos moradores locais como *peças de fora*, que contrasta com a categoria nativa *filhos da terra*, usada como auto-referência por pessoas que “nasceram e vivem em Regência” (Rodriguez, 2004:23). No entanto, o tempo de moradia no lugar não faz de *peças de fora* *filhos da terra*. A noção nativa de *filho da terra* é similar ao conteúdo da categoria *caboclo*, que ali na vila possui conotação étnica e está intimamente ligada à identidade local, conforme será abordado em momento oportuno.

²¹ Exceto os *caboclos* de Regência que trabalham nas empreiteiras.

²² Neste sentido, a forma de pertença à vila não é definida pela fixação na espacialidade, mas pela origem.

²³ Acompanhei uma situação provocada pelo tipo de relação que existe entre a estatal e a comunidade no episódio do “Movimento Pró Asfalto de Regência”, no ano de 2005. Moradores da vila vindicavam o asfaltamento da estrada que liga a vila à BR-101, da mesma forma que questionavam a representação da comunidade frente à Petrobras, que segundo eles “não representam a verdadeira vontade da população”. O movimento reconhecia a importância da empresa para a localidade, mas colocava em questão a qualidade da estrada, que como crêem é de responsabilidade da empresa, já que por ela trafegavam diariamente uma quantidade significativa de carretas-tanque transportando petróleo para o Terminal Marítimo de Regência²³. As principais lideranças locais ligadas ao comércio, à pesca e à “cultura popular” estiveram presentes. As queixas eram em relação às dificuldades de locomoção que os jovens enfrentavam para chegar a Linhares para cursar o ensino médio, o que não acontecia sem atrasos e ocasionalmente com perdas de aula, causados pelo intenso tráfego de carretas, lama, poeira, buracos e a condição mecânica do ônibus²³. Em decorrência, não só as relações da comunidade com a estatal, mas entre as facções internas vão sendo marcadamente truncadas e conflituosas.

de Max Weber, para Geertz, seria o ser humano produtor e produto de sua realidade: “um animal amarrado a teias de significado que ele próprio teceu”, neste sentido, para o autor, a cultura é esta teia (Geertz, 2004:04). Esta concepção permite pensar a estatal como um novo fio que vai sendo tecido à cultura e às relações sociais na vila a partir de um dado momento, que com o tempo sua rugosidade vai sendo revelada na trama através das contradições do processo dramático das políticas públicas colocadas em prática na localidade. Conforme este processo foi se desenvolvendo, uma relação de tutelamento se constituiu entre a comunidade e a S/A.

Atenção especial será dedicada agora à unidade processual das políticas ambientais, pois assim como a Petrobras a presença do Projeto Tamar intensifica a relação tutelar entre estas instituições e a população da vila.

1.1.2 O PROJETO DE PROTEÇÃO ÀS TARTARUGAS MARINHAS – PRÓ-TAMAR

Desde 1953 a foz do Rio Doce é alvo de políticas ambientais. A primeira intervenção foi através de um decreto estadual que demarcava 11.000 hectares para o Parque Estadual da Região Leste. A área permaneceu ocupada por particulares até 1974, quando o ambientalista Augusto Ruschi solicitou à Câmara dos Deputados do Estado do Espírito Santo que a área fosse entregue ao Governo Federal. A área foi demarcada pelo Decreto Federal 90.222 como Reserva Biológica de Comboios – REBIO, no entanto reduzida a 833 hectares.

Efetivamente foi a partir do ano de 1982 que a população da Vila de Regência passou a ser parte das preocupações ambientalistas com o monitoramento das tartarugas marinhas em três pontos estratégicos na costa brasileira, entre eles a Estação de Comboios – Regência/ ES. Em 1990 com a fundação da base-mãe do Projeto Tamar (Vários Autores, 2002:10) – nas cercanias de Regência é que as políticas ambientais desenvolvidas no âmbito do Estado Nacional e geridas pelo Projeto Tamar deixaram mais profundamente suas marcas na dinâmica sócio-cultural na região da planície costeira do vale do Rio Doce, onde está localizada a vila.

A principal preocupação ecológica da REBIO consiste na preservação das tartarugas marinhas e especialmente a chamada tartaruga-gigante ou tartaruga-de-couro²⁴. A importância da base de Comboios no cenário ecológico nacional consiste justamente neste aspecto: incidem em Comboios nove das dez tartarugas-gigante monitoradas que desovam no litoral brasileiro. Segundo eles, foi para proteger a mais importante área e garantir a desova esta espécie que foi criada a Reserva Biológica de Comboios²⁵. Fato que fez da base um símbolo de urgência na causa da preservação da espécie ameaçada de extinção.

Desde a BR-101 a ação do Tamar na região preenche simbolicamente a maior parte do espaço. Uma tartaruga antropomórfica, o personagem de animação Taminho, é quem vai preparando os visitantes para entrarem no espaço ritualizado de preservação, bem antes de se aproximarem da foz do rio através de eficazes campanhas de conscientização ecológicas promovidas por placas educativas distribuídas ao longo da estrada.

As atividades do Tamar estão divididas em duas frentes, ambas abertas à visitação pública. A primeira, à beira mar, é voltada para pesquisa, além de ser um espaço onde os(as) visitantes entram em contato (in)direto com os animais. Observam entusiasmados(as) os exemplares nadando nos tanques e parecem não dar muita atenção às informações fornecidas pelos estagiários(as) ou biólogos(as), e se preocupam mais em fotografar os animais e uns aos outros para garantir a lembrança da visita. Mas o momento mais apreciado na base é a soltura dos filhotes no mar. Os(as) visitantes acompanham o biólogo(a) caminhando pela praia com uma caixa de isopor repleta de filhotes; posa de cócoras para as fotos com a logomarca voltada para os turistas, enquanto as tartaruguinhas correm freneticamente em direção ao mar.

Ao caminhar pela vila será inevitável não se deparar com a outra parte da base ecológica, composta pela sede administrativa e cultural. De longe ela pode ser identificada pelos painéis e muros que retratam o oceano azul e suas espécies em harmonia, tartarugas, tubarões, robalos, algas, corais e moluscos. A base do Projeto rivaliza com o busto em bronze de Caboclo Bernardo como a principal marca do epicentro da vila. O Museu de Regência, que muitos dizem ser o Museu de Caboclo Bernardo, está instalado em um lugar que revela a relação quase simbiótica que ele possui com o Tamar. Espacialmente, apesar do muro, é

²⁴ Chamada de tartaruga-mole na localidade, a tartaruga-gigante possui o status de “criticamente em perigo” na lista de espécies ameaçadas do IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (<http://www.mma.gov.br/port/sbf/fauna/fam7d1.html>, acessado dia 27/09/2006). Ela pode chegar a 2 metros de comprimentos e 700 quilos.

²⁵ Sítio oficial do Projeto Tamar (www.tamar.org.br acessado dia 19/05/2006).

difícil separar sua pertença da fábrica de confecções, da reciclagem de papel, da biblioteca, do auditório, e de outros projetos geridos pela instituição ambiental; simbolicamente são da mesma pertença.



Na imagem, Seu Miúdo cuida do busto em bronze do herói Caboclo Bernardo, homenagem da Marinha do Brasil. O busto ocupa o centro da praça, epicentro da vila e divide a visitação dos turistas e a atenção dos(as) moradores(as) da vila com menor intensidade com a Igreja de São Benedito, a Casa do Congo²⁶, o campo de futebol, os bares, o clube carnavalesco Valette de Ouro, e com maior intensidade com a base administrativa e cultural do Projeto Tamar, que se revela como um apreciado ponto turístico (Foto: Hauley S. Valim, 2005).

Nas representações do Tamar na vila é fácil notar “como a vida dos indivíduos e grupos se organiza no espaço” (Rosendahl, 2001:40). No entanto, o esforço do Tamar não foi para preencher de forma simbólica um espaço vazio, mas um universo de sentidos onde o *caboclo de Regência* ocupava o lugar central. O que demandou para o Projeto um árduo trabalho simbólico, que aos poucos foi retirando do ser humano a centralidade e a autonomia projetando no núcleo do sistema cultural da vila a imagem do réptil ameaçado.

²⁶ Casa do Congo é o lugar onde os instrumentos musicais usados pela banda de congo adulto ficam guardados e onde acontecem reuniões, ensaios e pequenas festividades da banda.

A iniciativa de implementar o modelo de parque natural que vigora em Regência surgiu no Brasil por volta da década de 1930, reflexo de um processo que desde o século XIX fazia parte do ideário ecológico na Inglaterra e nos Estados Unidos. Surgiu como uma crítica ao antropocentrismo, “no âmbito da consolidação cultural da sociedade ocidental moderna, idealizando novas relações do ser humano com a natureza pela idéia de preservação desta” (Adomilli, 2002: 2). Em Regência, pesquisadora Jaqueline Rodriguez analisou a relação entre o ser humano, a natureza e a instituição preservacionista tendo como pano de fundo a noção de “natureza intocada”. Contatou que a origem desse

mito [da natureza intocada], que no caso da REBIO de Comboios vem de antes de sua criação, está numa representação simbólica que se faz da relação homem e natureza. No relato de Augusto Ruschi fica claro que ele entende a ausência humana como a única forma de proteger a natureza, principalmente a tartaruga marinha. Neste caso, não se tratava de um espaço visto como vazio, pois os próprios idealizadores sabiam da existência de pessoas neste lugar, mas de um espaço caracterizado como “mau ocupado” e “mau usado”. Para os idealizadores do parque, no entanto, já que o parque não era vazio, se fazia necessário manter estes homens a distância, senão geográfica e fisicamente, pelo menos de não terem mais acesso a estes animais e seus lugares. Assim, os autóctones que existiam na região que não podiam ser expulsos foram, aos poucos, tornando-se *invisíveis* social e politicamente (Rodriguez, 2004:57).

A preservação do meio ambiente, nestes parâmetros, exigiu o relativo distanciamento dos seres humanos da natureza – mas não todos eles – ou no mínimo uma domesticação dos costumes *caboclos* considerados danosos para aquele ecossistema. E, assim, aos poucos as lideranças locais foram enfraquecidas e/ou substituídas por biólogos e/ou simpatizantes/beneficiários(as) do projeto orientados pelo mito da “natureza intocada”.

Durante a década de 1980, com a presença ativa do Tamar na vila, é que as mais profundas transformações nas formas de subsistência local foram experimentadas com a efetivação das políticas ambientais²⁷. A proibição de qualquer “utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha” de animais silvestres em todo território nacional, com a Lei Nº 5.197 de 3 de Janeiro

²⁷ Embora a lei já estivesse ativa desde a década de 1960 não havia na vila uma fiscalização efetiva, o que passou a acontecer com a presença do Tamar na vila a partir da década de 1980, quando assumiram o papel coercitivo de vigiar e punir as infrações ambientais (Foucault, 2000).

de 1967, incriminou a captura e o consumo de carne e ovos de tartarugas, recursos de alto valor protéico para as formas de subsistência local. E ainda, a Lei Nº 7.679, de 23 de Novembro de 1988 estabeleceu outra série de proibições à pesca durante os períodos de reprodução, justamente no momento em que é propícia a pesca do robalo, o mais valorizado produto negociado pelos pescadores.

Para os habitantes da vila, Jaqueline Rodriguez destaca a importância social do consumo dos ovos e da carne da tartaruga.

Além da alimentação, a *careba* [tartaruga marinha] possibilitava relações sociais baseadas na distribuição da carne. Como o animal era muito grande, costumava-se distribuir a carne entre parentes e amigos mais próximos – os “compadres”. Essa distribuição permitia que se criassem redes e laços sociais entre essas pessoas (Rodriguez, 2004:113).

A homologação das leis ambientais de alguma forma inverte determinados aspectos da lógica da cultura local. Antes da presença dos preservacionistas, a coleta de ovos e a captura da tartaruga, com fins de consumo, além de atender as necessidades nutricionais, se passava por questões morais. Moralmente, era da responsabilidade do pescador o sustento do núcleo familiar. Entretanto, a inversão se constitui a partir do momento que o pescador é estigmatizado pelos ambientalistas que passam a se referir a eles como “*posseiros*” ou como “*predadores*” dos recursos naturais (Rodriguez, 2004: 61). Se antes eram considerados “provedores” a presença da instituição ambientalista fez deles “destruidores”. A incriminação das práticas e, conseqüentemente, dos praticantes, serviram não só a fins punitivos, mas principalmente a fins educativos.

Boa parte da população foi convencida da importância de preservar as tartarugas e que seriam elas compensada através da mão-de-obra empregada nos projetos a serem desenvolvidos. Um aspecto destacado em uma antropologia comparativa sobre o poder exercido pelo Tamar na Vila de Regência e na Praia do Forte/BA atribui à sucursal baiana um determinado modo de dominação:

De um lado estão aqueles que constroem a crítica por meio de afrontamento, de outro estão aqueles que aceitam os valores que passam a ser impostos por meio de processos de intervenção do Projeto Tamar em Praia do Forte. São, em maior parte, indivíduos

que têm algum vínculo econômico: pescadores que se tornaram tartarugueiros; pais cujos filhos trabalham junto ao Projeto Tamar; lideranças que recebem verba por meio de convênios com o Projeto Tamar. A consciência individual desses indivíduos foi sendo paulatinamente integrada para dar ensejo à formação de uma outra consciência coletiva, cujo sentido de preservação das tartarugas pretende-se que tenha sido incorporado. Nesse contexto, pode-se perceber o surgimento de um novo grupo social formado pelos indivíduos que são da comunidade, mas que durante o processo de intervenção assumem como seus valores determinados pelos atores de fora (sujeitos do) Projeto Tamar (Suassuna, 2004: 11).

Uma observação mais apurada pode perceber as duas lógicas descritas por Suassuna presentes na Vila de Regência. No entanto, aqueles que manifestam de forma objetiva seus questionamentos em relação ao papel da instituição ambiental são uma minoria, justamente devido a eficiência que possui o Tamar em gerir determinados aspectos da dinâmica social local²⁸. Todas as iniciativas públicas da municipalidade e as que por ventura possam surgir dentro da própria comunidade só acontecem com autorização²⁹ ou apoio do Projeto, desde reuniões da Associação de Pescadores e Moradores, até as festas dos santos, festas juninas, etc. Como é possível perceber na declaração do coordenador regional do Tamar:

Então, programas que levam em consideração alguma coisa, por exemplo, sensibilidade ambiental de algumas áreas, já tem informação que aquela área é ou não sensível as tartarugas. Então, sendo mais visível, conseqüentemente, quem elabora as políticas identifica no Tamar uma fonte de informações e conseqüentemente, as tartarugas acabam entrando em todos os programas. Ali sendo uma área de ocorrência de tartaruga então vai procurar o Tamar. [...] Até na questão social a gente foi procurado. Vários programas já procuraram o Tamar como uma referência para trabalhar com as comunidades costeiras. Assim, o Fome zero já entrou em contato. Porque a gente já trabalha com comunidades carentes, já tem propostas feitas e pode servir como ponto de referência para eles. Então, esta institucionalização, além de todo o trabalho da mídia, faz com que quem escreva uma política, seja social ou ambiental, já preveja que se naquela área tem tartaruga tem Tamar. (apud Rodrigues, 2004:90).

É possível notar no depoimento que pelo fato da vila estar localizada em uma área de sensibilidade ambiental as políticas públicas e sociais sempre devem ser adequadas ao viés ambientalista. E a “consulta” à entidade se justifica, segundo o coordenador, devido o

²⁸ A minoria se manifesta é formada principalmente *peçoas de fora*.

²⁹ Mesmo sendo a simples ação de pegar a chave da associação para que ocorra uma reunião.

conhecimento que eles possuem sobre as populações que interagem com as reservas biológicas. As políticas sociais, neste sentido, só se realizam após estarem adaptadas à tensão *ser humano e natureza*, gerida pelo Tamar.

Na tentativa de amenizar os efeitos causados pelas proibições à população nativa, como uma medida compensatória, foi criada a primeira confecção de roupas Pró-Tamar. A fábrica produz roupas com o tema de preservação das tartarugas e souvenirs como canecas, peso para porta, chaveiros, toalhas, bonés, canetas, agendas, todos com estampas da temática ecológica, para boa parte dos postos do Tamar em território nacional, mas o produto preferido dos turistas são as camisetas, que levam no peito, além dos ideais ecológicos, as marcas do lugar visitado. Além da fábrica, outra medida compensatória foi a contratação dos principais carebeiros – até ali caçadores e coletores de ovos de tartarugas – para então, ao invés de coletar e consumir, trabalharem no manejo de preservação dos animais.

Através destas ações, com eficiência variável, a tartaruga foi deixando o plano do consumo sendo reinventada e reinserida no plano simbólico. A tartaruga é elevada neste processo a uma *espécie bandeira*³⁰, o principal símbolo empunhado por um determinado grupo ideológico que tem em vista preservar certo ambiente marcado por adversidades ambientais provocadas pela conflituosa interação *ser humano e natureza* (Rodriguez, 2004:88).

Desse modo, as espécies bandeira são classificadas e ordenadas dentro de uma categoria especial em comparação com os outros animais. Como toda classificação implica uma hierarquização (Dumont, 2002:225-230), esses animais, não só acabam sendo objeto de ações e pensamentos que os privilegiam e os transformam em seres especiais e, relação aos outros animais do meio, como também lhes são devotadas práticas ritualizadas e lugares sacralizados (Rodriguez, 2004:88).

Com todas estas ações simbólicas o réptil passa a “representar do ponto de vista dos locais, a conservação. Essa nova representação concretiza-se não só com o turismo, como nas práticas dos carebeiros, das mulheres que produzem artesanato e dos trabalhadores da confecção” (Rodriguez, 2004:30). A inversão da apropriação material do recurso para a apropriação

³⁰ Um exemplo atual e marcante de *espécie bandeira*, no contexto dos debates sobre o aquecimento global, é o urso polar. As calotas polares são a principal representação das adversidades provocadas pelo aquecimento global e o urso polar como a espécie mais ameaçada pelas condições climáticas, combinação que sensibiliza a opinião pública a favor da preservação.

simbólica da espécie é de tal modo eficiente que a tartaruga passou a ser um bem cultural da localidade para uma boa parte das novas gerações. O animal é sempre suscitado pelos(as) moradores(as) como um dos atrativos turísticos da vila.



Numa investigação antropológica é fundamental que o pesquisador não ignore qualquer símbolo presente nos rituais. Mesmo não estando freqüentemente no discurso dos informantes o fato de estar representado significa que possui alguma importância simbólica. Na imagem, o herói divide com a tartaruga a bandeira da Banda de Congo Mirim Caboclo Bernardo. Neste sentido, a *espécie bandeira* ocupa um lugar de destaque entre os outros animais na emergente composição religiosa, mesmo sendo o pescado (animais sem coloração na bandeira) a base da subsistência de uma parcela respeitável das famílias na vila (Foto: Hauley Valim, 2006).

Todavia, as opiniões locais sobre a presença do Tamar e suas formas de interferência no cotidiano da vila variam. Aqueles que possuem vínculos econômicos ou culturais, diretos ou indiretos com o projeto, conforme observou Suassuna (2004:11), defendem a idéia que “se não fosse as tartarugas desovarem ali não haveria Tamar na região e se não houvesse Tamar, não haveria empregos nem turismo”, ponto de vista positivo (Rodriguez, 2004:32). No entanto, são dois os pontos de vista das conseqüências negativas da presença da organização ambiental na vila:

Os mais velhos salientam a tradição modificada com a “chegada” e as proibições impostas; os mais jovens focalizam suas ressalvas as limitações impostas. Se os mais velhos olham para “trás” demonstrando forte saudosismo das tradições alteradas pelas imposições da *ideologia da conservação*, os mais jovens privilegiam o olhar para “frente” e a modernidade, avaliam que se não fosse a presença do Tamar-Ibama a vila seria um crescente, próspero e moderno balneário. O ponto de convergência no entanto, é que ambos associam a situação de Regência não como algo endógeno, mas como uma imposição de quem veio de fora (Rodriguez, 2004:31).

Jaqueline Rodriguez classificou como *convertidos*³¹ aqueles que interpretam de forma positiva a presença do Tamar na vila. E, por este grupo,

A tartaruga foi, portanto, re-interpretada e re-classificada, separada dos outros animais, ou seja, sagrada, santificada. Perdeu a normalidade e tornou-se um ser *sagrado*. Isso ficou claro quando Seu Pedro, pescador de aproximadamente 65 anos, falou que ele não tinha vergonha de me dizer que comia tartaruga antes do Tamar, porque não sabia que não podia, que era um animal em extinção. Essa vergonha e a suposta auto-ignorância atribuída para eles é dizer que se antes matavam e comiam por não saber, hoje estas práticas são consideradas incorretas, pois já se tem o conhecimento, ou em outros termos foram convertidos ao ambientalismo (Rodriguez, 2004:119).

Por outro lado, a opinião daqueles que interpretam de forma negativa a presença da instituição ambientalista na localidade é reforçada pela acusação da diminuição da população de tartarugas, devido o manejo ineficiente do recurso, já que as noções de extinção e escassez não faziam parte do sistema de significação desta população. As tartarugas entraram em extinção, na concepção “nativa”, paralelamente à chegada dos ambientalistas e seus interesses, em uma relação causa e efeito.

Teria sido a interferência, a partir da proibição da relação homem com a tartaruga e da mudança dos ninhos, a causa da mudança no ciclo natural e a diminuição das tartarugas, pois, “quanto mais pegava mais tinha”. Ao manipular os ninhos e, desse modo, alterar a relação das “mães” com os filhotes, o projeto teria provocado o inverso de suas intenções (Rodriguez, 2004:124).

³¹ Convertidos no sentido de convencidos, e não uma experiência religiosa, segundo a autora.

Outro questionamento deste grupo é relativo ao possível uso da carne da tartaruga em casos de morte por captura acidental, como relata Jaqueline Rodriguez:

Questionam outras rotinas do Tamar como o fato de enterrar o animal morto acidentalmente em rede. “Porque não dá a tartaruga morta pra creche ou escola para acabar com a fome das pessoas? Mede e enterra!”.

Pediam para eu enterrar. Ai eu pensava. Ah, vou ter que enterrar. Eu olhava para ela morta e pensava: mas como era gostosa (apud, Rodriguez, 2004:123).

A relação marcadamente assimétrica entre os biólogos(as) do Tamar e os(as) moradores(as) de Regência incide diretamente sobre as formas de construir e perceber a realidade naquele espaço. A introdução de novos valores pela organização ambientalista, que colocam o recurso de subsistência frente ao ser humano em uma relação hierárquica, implica em profundas transformações não só na economia, mas na cultura e nas relações sociais.



Apesar da divisão de opiniões quanto ao consumo da carne e dos ovos de tartaruga é notória a importância simbólica que a tartaruga possui enquanto *espécie bandeira*. Na imagem, a tartaruga foi capturada por acidente e o pescador responsável pela rede, com camiseta, tentou ressuscitá-la com massagens cardíaco pulmonares, conforme o procedimento orientado pelo Tamar. A tartaruga é carregada sem vida como, no mínimo, uma grande atração, chamando a atenção dos surfistas locais.

Conforme andavam na vila em direção ao Tamar, para entregar o exemplar para catalogação, várias pessoas juntaram-se ao grupo e caminharam ritualmente em procissão até a base do Projeto (Foto Hauley Valim, 2005).

Concluída a parte descritiva deste capítulo que procurou caracterizar e analisar de forma preliminar o campo, o objetivo agora será o de interpretar o contexto sócio-histórico em que incidiu sobre a população da Vila de Regência as políticas energéticas e ambientais. A hipótese que este tenha sido um período liminar e dramático, que ao longo do tempo, foram tornando “explícitas as várias contradições ocultas nestes processos” que “geraram novos mitos, símbolos, paradigmas e estruturas políticas” conforme as proposições do antropólogo Victor Turner (2006: 76).

1.1.3 O PROCESSO DRAMÁTICO

O que ontem era liminar hoje está estabelecido, o que hoje é periférico torna-se a central de amanhã

Victor Turner

Foram mapeadas nas décadas de 1980 e 1990 aspectos importantes do processo que veio culminar na atual configuração social da Vila de Regência. No contexto eram incipientes as iniciativas de desenvolver análises de impacto sócio-ambiental no cenário nacional, para diminuir os efeitos de grandes investimentos industriais, energéticos e até ambientais sobre pequenas populações.

Foi notório, neste sentido, o impacto das políticas públicas gerenciadas pela Petrobras e pelo Projeto Tamar na cultura local, claramente expresso no sistema simbólico. O contexto dramático vivenciado pela população da vila foi marcado pelo emprego de mão-de-obra na construção dos dutos de petróleo e nas ações de preservação das tartarugas marinhas; no mesmo momento que passavam a vigorar efetivamente as leis que proibiram a coleta de ovos e o consumo de carne de tartaruga, assim como a pesca de robalo e outros peixes durante a piracema, momento mais oportuno para capturá-los.

A instalação do aparato técnico de exploração de gás natural e petróleo e o emprego de mão-de-obra nas atividades significaram, por um lado, uma alternativa econômica à proibição do consumo de tartarugas. Por outro, o fato de deslocar o meio de atividade econômica de uma parte importante de uma geração significou uma desestruturação das formas tradicionais de transmissão de conhecimentos e uma relativa ruptura das relações hierárquicas mantidas por elas. A propósito, outra ação referente à mentalidade ambiental possui semelhante impacto nas redes de sociabilidade no momento que o saber local, consagrado ao longo de várias gerações, é subitamente confrontado por uma moralidade ambiental recém apresentada (Geertz, 2004). Sobre esta relação Rodriguez constatou que

Destes dois saberes resultaram conflitos, contradições, encontros e desencontros. Essas interações e conflitos são, no entanto, marcadas pelo poder do TAMAR em disseminar e impor suas idéias. Neste sentido, as relações se dão de forma assimétrica, sobressaindo a idéia de *verdade* contida num saber científico em oposição aos saberes tradicionais dos pescadores. Além disso não podemos esquecer a dimensão fiscalizadora do TAMAR-IBAMA (Rodriguez, 2004:114).

Surge então uma liderança emergente de *pessoas-de-fora*, não orientada pela *tradição*, como eram os pescadores, mas pela economia monetária e ambiental.

Para “proteger a tartaruga protege-se todo o ambiente. A população já não pode comê-las, andar onde ela anda, acender luzes na praia” (Rodriguez, 2004:87). O encontro entre estas instituições e as populações locais, neste sentido, demandou uma reorganização espacial que vai de encontro à consagrada visão de mundo e a sedimentada estrutura social, sobretudo se tomo como principal forma estruturante das sociedades “os aspectos mais estáveis de ação e inter-relacionamento” (Turner, 2006:12). Processo que não aconteceu sem conflitos.

Os moradores imitavam os rastros da tartaruga na areia para confundir os biólogos; furavam os pneus dos carros que o Tamar usava para *carebar*. Além disso havia confrontos abertos, tais como discussões e ameaças e outras histórias hoje contadas como piadas” (Rodriguez, 2004:115).

A partir de então todas as políticas municipais e regionais, iniciativas educacionais, projetos sociais, eventos culturais e religiosos passaram a acontecer com apoio financeiro da Petrobras

e somente com o aval do Projeto Tamar, quem definia o viés dos eventos que aconteceriam ali para a população da vila, e é claro, tendo como referência a ideologia ambiental. O projeto passou a controlar, além de tudo, a urbanização e a expansão da vila. Os projetos sociais passaram ser assistidos pelo Tamar, além de acompanharem, direta e indiretamente, os projetos pedagógicos nas escolas locais.

Já havia ali uma forma específica de organização política e simbólica, uma ampla rede de relações sociais estáveis, suficientes meios de subsistências e, no sentido local, uma harmonia entre ser humano e o meio ambiente, que agora precisa encontrar novas formas para se reorganizar e reproduzir. Este quadro foi interpretado como um processo dramático, que foi o tutelamento da população da Vila de Regência pela Petrobras e Tamar seguido da substituição das antigas lideranças autóctones por lideranças orientadas pelas questões ambientais.

Institucionalmente o Projeto Tamar é quem, de alguma forma, passou a controlar não só as práticas sociais, mas a forma que a vila passou a ser percebida no cenário público. Foi inevitável a relação estabelecida entre os *caboclos* de Regência e as tartarugas fora dos limites da foz do rio. “Se considerarmos a identidade étnica como um status, este será superior em relação à maioria dos outros status e definirá a constelação permissível de status, ou personalidades sociais, que um indivíduo com uma dada identidade étnica pode assumir” (Barth, 2000:37). O ponto focal da identidade étnica do grupo, neste sentido, passou a ser a tartaruga marinha de uma perspectiva, principalmente se percebida pelos turistas e visitantes na vila, sobressaindo esta característica em relação as outras.

1.2 A RELIGIÃO E AS ESTRUTURAS POLÍTICAS E SIMBÓLICAS

Instituições religiosas e leigas, entre outras, só deixam de ser feixes de regras mornas ou frias, quando passam a ser vistas desde o início como fases no processo social, como padrões dinâmicos. Precisamos aprender a pensar nas sociedades como “fluindo” continuamente, como uma “perigosa maré... que nunca pára ou morre... e quando segurada por um instante, queima a mão”, como W. H. Auden certa vez colocou. As estruturas formais, supostamente estáticas, somente se tornam visíveis por este fluxo que as energiza, as aquece até torná-las visíveis (Turner, 2006:13)

Em um percurso histórico desde o início da década de 80 a pesquisa mapeou, na primeira parte do capítulo, aspectos processuais que considera importantes para analisar o atual contexto político-religioso na Vila de Regência Augusta. Acreditando que a implementação de políticas energéticas e ambientais, oriundas de um imaginário moderno e progressista, contribuíram para o desenvolvimento de um período complexo e dramático que exigiu uma reorganização social no contexto social.

A cronologia do processo social não é linear. As unidades processuais não aconteceram uma após a outra, mas se desenvolveram concomitantemente sobrepondo umas às outras, em uma tecedura complexa. Não é diferente o caso que será analisado agora, o processo de institucionalização da Festa de Caboclo Bernardo, pois ele também se desenvolveu principalmente ao longo das décadas de 80 e 90.

Nesse sentido, a segunda parte do capítulo tem como objetivo descrever aspectos da religiosidade e da emergência de um fenômeno religioso na vila, que a pesquisa considera fundamental para o processo de reorganização social e de construção da identidade, onde será possível perceber seus aspectos étnicos.

1.2.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA FESTA DE CABOCLO BERNARDO

Muitos anos se passaram desde que comecei a freqüentar a vila e a primeira vez que presenciei as homenagens que recebia Caboclo Bernardo³² na festa. Coincidia o mês da festividade com o período que quebravam as melhores ondas na região, e o dia de Caboclo Bernardo era sempre um dia de ondas grandes, dizíamos nós, os “surfistas”. Sempre fiquei intrigado com a batucada que ouvia todos os primeiros domingos do mês de junho desde o início da manhã e a quantidade de ônibus que estacionava em frente à pousada de Dona Mariquinha. Deles saíam pessoas com paramentos multicoloridos, carregando bandeiras de santos, tambores e reco-reco antropomórficos e ali passavam quase todo o dia. Porém, até o ano de 2004 preferi naquele dia aproveitar as ondas que a acompanhar os rituais religiosos.

³² O termo *Caboclo*, que na maioria das vezes precede o nome de Bernardo, escrito com a letra inicial em caixa alta, além de indicar sua origem acredito ser ele parte integrante do nome próprio de Bernardo conforme é usado na região.

Só a partir do encontro com a polissemia de sons, santos, sentidos, cores, símbolos e ritos daquela realidade que pude perceber a importância da expressão para a identidade dos *caboclos*. Constatei que a festa em homenagem a Bernardo possuía um lugar de destaque na constituição da identidade daquele grupo³³.

Conforme adentrei empiricamente no universo cultural da vila através da observação participante fui compreendendo a íntima associação entre as festas e a religião. Pensei logo nas reflexões de Roberto DaMatta que colocavam ambas as expressões dentro da dimensão do extraordinário e como partes importantes da identidade brasileira (DaMatta, 1997:48). Era a combinação festividade e religião, adstrita à construção da identidade étnica, que atraía cada vez mais a atenção dos(as) moradores(as) da vila, religiosos e turistas para a Festa de Bernardo, fazendo-a predominar sobre as festas religiosas tradicionais da vila, como a de São Benedito e Santa Catarina, de São Pedro (dos Pescadores) e de São Cosme e Damião. Aquele era o evento mais esperado do ano não só por sua constituição simbólica, sua importância econômica e por viabilizar uma ampla rede de sociabilidade atualizada anualmente, mas, principalmente, por ser o momento onde é dramatizado o *modus vivendi* da Vila de Regência.

Até o fim da década de 1970 a Festa de Caboclo Bernardo era um evento circunscrito à vila, como continuam sendo as outras festas citadas. Porém, a partir do momento que Dona Mariquinha assumiu a organização da festa no início da década de 1980 o evento foi abrangendo, além da planície costeira do Rio Doce, as bandas de congo de todo Estado do Espírito Santo. A presença cada vez maior das tradicionais bandas do Estado do Espírito Santo foi conferindo ao evento e à vila maior importância no cenário cultural capixaba.

Em 1989 a Festa de Caboclo Bernardo tornou-se um dos Encontros das Bandas de Congo do Estado do Espírito Santo. Marina de Mello e Souza, no livro “Reis Negros no Brasil Escravista”, afirma que o congo é uma manifestação cultural constituída na interação entre a teologia congoleza e os ritos católicos durante o processo de cristianização do Congo (país) pela coroa portuguesa, a partir do ano de 1441. Segundo a historiadora, no Brasil as congadas

³³ Sempre pensava que éramos nós, os surfistas, a verdadeira “tribo” de Regência e que eram as ondas o maior dos símbolos daquele lugar. Da mesma forma que a experiência antropológica me fez perceber quais eram os aspectos que faziam de mim um surfista, semelhantemente comecei a perceber na população da vila quais eram os aspectos acessados quando aquele povo falava a respeito de si próprio, o sentido que possuía ali a categoria nativa “*caboclo*”.

tornaram-se movimentos de preservação da identidade e, mais tardiamente, de ação afirmativa das populações negras intimamente relacionadas às confrarias religiosas que se formaram nos Estados de Minas Gerais e São Paulo (Souza, 2002:43-85). No Estado do Espírito Santo, no entanto, o movimento caracterizou não só às confrarias negras, mas marcou a etnogênese tupiniquim (Silva, 2004:187), além de tornar-se a expressão identitária de vários grupos caboclos, inclusive na Vila de Regência.

Assinalo mais uma unidade do processo social que como um fio é tecido na identidade étnica. Hoje o movimento das bandas de congo está inserido em uma política de identidade implementada pelo Governo do Estado do Espírito Santo e especialmente pela Prefeitura Municipal da capital capixaba. O projeto Instrumentarte Capixaba³⁴, apoiado pela Prefeitura Municipal de Vitória, ilustra bem a tendência e visa “o fortalecimento da identidade cultural local, com a formação de bandas de congo mirins [nas escolas]³⁵ em todas as séries que estão em condições de executar as toadas do congo capixaba e se apresentar em público”³⁶. A iniciativa associa as secretarias de cultura à Federação das Bandas de Congo do Espírito Santo e as bandas locais e pretendem juntas fazer com que o capixaba faça do congo um dos aspectos de sua identidade, como é a torta e a moqueca. Resultado destas iniciativas pode ser percebido na cultura de massa, associada à *cultura popular*, que inspira as bandas de congo-reggae Casaca e Manimal que já possuem certa visibilidade no cenário nacional³⁷.

Na Vila de Regência, a desvinculação do congo em relação à *macumba* e à *cachaça*, estigma recorrentemente usado para se referir à manifestação das bandas de congo, é atribuído ao

³⁴ O projeto foi viabilizado pela lei de incentivo cultural Rubem Braga da Prefeitura Municipal de Vitória-ES. Escolhido como uma das cinco mais importantes práticas de inovação em políticas públicas no Espírito Santo. Formou inúmeras bandas de congo em escolas públicas e é finalista do Prêmio Cultura Viva que faz parte do conjunto de ações do Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania desenvolvido pelo Ministério da Cultura. “Ao reconhecer a pluridimensionalidade da experiência cultural, o MinC busca fortalecer e amplificar a complexidade das experiências culturais contemporâneas de modo a que cada etnia, cada grupo, identifique o seu jeito de ser e seus valores em suas práticas culturais. O Prêmio se propõe a servir a essas iniciativas e ampliar o acesso aos meios de formação, criação, difusão e fruição cultural por meio da ação de agentes culturais, arte-educadores, educadores de rua, artistas, professores e cidadãos que entendem a cultura no seu sentido mais amplo - como direito, comportamento e economia”. O patrocinador oficial do Prêmio foi a Petrobras (<http://www.premioculturaviva.org.br> acessado no dia 13/09/2007).

³⁵ É nas escolas públicas, portanto, que as novas gerações de determinadas populações do Estado do Espírito Santo entram em contato com as bandas de congo, assistindo aos documentários sobre a tradição e formando as bandas mirins de crianças do ensino fundamental. Receberão a capacitação instrumental e técnica para garantirem a perpetuação deste aspecto emergente da identidade capixaba.

³⁶ <http://www.congressocidades.com.br/imprensa/informacoes.asp#palestras> (acessado no dia 13/06/2006).

³⁷ Mais informações sobre a forma que o ritmo das congadas é apropriado pela cultura de massa ver a monografia de Salustiano Silva: *Identities culturais na pós-modernidade: Um estudo da cultura de massa através do grupo Casaca*, disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/silva-sergio-salustiano-identidades-culturais.pdf>, acessado dia 28/08/2006.

processo de reconhecimento da prática pelo cenário político. Este movimento “eleva” a prática ao status de *cultura popular*, que, neste sentido, é reconhecida e apreciada pelos turistas, pelo *povo da cidade*, o que significa reconhecimento e, por conseguinte, apoio junto às secretarias de turismo e cultura³⁸.



Aglomeram-se junto às bandas de congo, religiosos, *pessoas de fora e peões de fora*, turistas, apreciadores(as) da *cultura popular*, surfistas, repórteres e fotógrafos(as) diante da Igreja de São Benedito para os ritos de dispersão da Festa de Caboclo Bernardo, que vai projetando a imagem do herói no cenário das festas religiosas do Estado do Espírito Santo (Foto: Hauley S. Valim, 2005).

É no contexto da efervescência cultural promovida por estas políticas de identidade que a Festa de Caboclo Bernardo vai se institucionalizando e tomando maiores proporções. No ano de 1994, no 5º Encontro de Bandas de Congo/Festa de Caboclo Bernardo foi aberta uma ata para registrar as atividades. Naquele ano foram registradas seis bandas. No 6º Encontro, quatro bandas. No 7º Encontro registraram em ata a primeira Reunião dos Mestres de Congo na localidade, com representantes das nove bandas presentes; no 8º Encontro tiveram presentes nove bandas; no 9º, dez bandas; no 10º, onze bandas; no 11º não foi registrado; no

³⁸ Em momento oportuno dissertarei sobre os sentidos, usos e práticas da *cultura popular* no cenário da formação de identidades nacionais.

12º doze bandas, no total de 589 congueiros; no 13º, dez bandas; no 14º, dezesseis bandas de congo, com quase 600 congueiros; no 15º Encontro houve um salto para vinte e seis bandas, com 997 membros; 16º, quinze bandas, no 17º, também quinze bandas; este ano no 18º Encontro estiveram presentes aproximadamente vinte bandas de congo. Ressalto que os números citados correspondem somente aos *componentes* das bandas de congo, como são chamadas as pessoas que fazem parte institucionalmente: o capitão ou capitã, *rainhas* e princesas, instrumentistas e outras lideranças. Estão excluídos destes números turistas, moradores(as) da vila e apreciadores(as) da cultura popular que acompanham as bandas em suas apresentações.

Não é possível falar desta identidade em emergência sem associá-la à perspectiva religiosa. Apesar desta expressão da *cultura popular* possuir sua versão de massa, não é possível desvincular as festas de congo das homenagens aos santos padroeiros, pois os praticantes são deles devotos.

Desde que iniciei a pesquisa de campo, Dona Mariquinha tornou-se uma das minhas principais interlocutoras. Ainda é difícil acompanhar a festa ao seu lado, pois a senhora com seus quase noventa anos observa de perto toda organização das festividades. No ano de 2005, em um dado momento da festa após o almoço, perguntei a uma assistente onde estava Mariquinha, como se fosse me contar um segredo, curvou-se para o meu lado e disse que ela estava na reunião dos mestres de congo.

Fiquei muito curioso e logo procurei saber onde estava acontecendo a reunião, o que não foi difícil descobrir. Fui caminhando em uma trilha por dentro de uma plantação de mandioca em sua pousada e imaginando quais segredos rituais que estavam sendo compartilhados naquele momento. Logo avistei um galpão azul onde estavam reunidos os mestres. Ao chegar ali eu não sabia como proceder, não sabia se a reunião era restrita aos iniciados ou se eu precisava de uma autorização especial para participar. Um senhor, que parecia estar de sentinela na porta, ao ver-me aproximando deu três passos em minha direção e sem dizer uma palavra tocou meu ombro e me direcionou à porta, como que dissesse que eu estava atrasado para a reunião. Sem compreender aquele código entrei no ressoito e sentei em um canto sobre um toco de madeira onde pude acompanhar a reunião.



Reunião dos Mestres de Congo. Este é um espaço de reivindicações e de legitimação das lideranças frente às instâncias do Poder Público. Apesar da política pública implementada, a grande queixa dos mestres é a falta de apoio que recebem. A temporalidade neste momento é marcada pelo drama da falta de apoio financeiro e pela esperança renovada através dos pactos das bandas com os políticos e secretarias de turismo, cultura e lazer (Foto: Hauley S. Valim, 2006).

As questões levantadas nesta reunião não destoavam em nada das registradas na primeira ata redigida no ano 1996, a não ser as conquistas de várias das vindicações listadas. Na primeira ata as lideranças perceberam

1. A necessidade de uma política de revitalização das bandas; 2. Equipamentos (roupas e instrumentos); 3. Compromisso das prefeituras; 4. A divulgação e a difusão desta cultura; 5. Verbas para estruturação das bandas; 6. Trabalho educativo sobre esta cultura; 7. Integração do poder público municipal e estadual para preservar esta cultura. 8. Produção de material fonográfico para divulgar as bandas.

Ficou clara para mim, naquele momento, outra forma de organização política que possuía força no contexto da Vila de Regência, que não estava atrelada à preservação do ecossistema,

mas se constituía com o poder que ia acumulando as lideranças das bandas de congo conforme o Estado ia agregando valor cultural e identitário a estas iniciativas.

Na reunião dos mestres estavam juntos às lideranças das bandas de congo, vereadores, deputados, o secretariado de cultura da municipalidade e do Estado, um representante da Petrobras, além de várias pessoas ligadas à *cultura popular* da Comissão Espírito-santense de Folclore, os grandes fomentadores daquela expressão no plano das políticas culturais. A presença de fotógrafos(as) e repórteres se justificou quando percebi que eram eles(as) quem divulgariam as conquistas e as reivindicações do grupo, compreendi também a relativa facilidade que encontrei para ter acesso à reunião, pois carregava inocentemente uma câmera fotográfica no peito, o que em outra ocasião poderia ter me causado um constrangimento. Desde então passei a observar quais eram as principais marcas de institucionalização da Festa de Caboclo Bernardo, além de sua proximidade com as políticas de identidade cultural implementadas pelo Estado.

A maior parte das festividades acontece dentro da Pousada Sítio da Dona Mariquinha, que ao longo do tempo, mantendo o estilo rústico, foi adequando à festa à pousada e a pousada à festa³⁹, ampliando significativamente o espaço pra atender o fluxo turístico-religioso que para lá era cada vez mais atraído.

A pousada fica na entrada de Regência, e durante muitos anos foi a primeira construção com a qual se deparavam os(as) que chegavam à vila. A construção da *capelinha de Caboclo Bernardo* na pousada de Dona Mariquinha (no ano de 2003) confere aquele espaço o status de sagrado, se não no cotidiano da vila, pelo menos durante o tempo festivo, quando o lugar se torna o centro da Vila de Regência, o lugar de concentração de centenas de religiosos e turistas para onde se voltam todas as atenções (Rosendahl, 1999:47). As bandas ficam ali concentradas em torno da capela e não antes das três ou quatro horas da tarde elas seguem em procissão em direção à praça da vila para os ritos finais.

³⁹ No último encontro que tive com Dona Mariquinha (01/2008) ela me mostrou sua nova casa, onde foram construídos três grandes quartos e foram mobilhados para receberem “*grandes autoridades*” políticas. Pois, segundo ela, eles se recusavam em permanecer dias na vila por não terem um lugar “adequado” para ficar.



Imagem de Bernardo no interior da capela que leva seu nome. A capela foi construída na pousada de Mariquinha, para que a imagem de Caboclo Bernardo recebesse sua reverência. Na legenda em baixo da tela consta: “Nesta data tenho a honra de doar a esta *Associação Pró-Desenvolvimento Caboclo Bernardo*, [na qual Dona Mariquinha é presidente] sediada no distrito de Regência Augusta – Linhares – Estado do Espírito Santo, com o quadro do inesquecível Caboclo Bernardo, que, expressando minha grande e eterna admiração por sua bravura. Pinteí no ano de 1962. Dulce Campos Pestana – Linhares – ES, 29-05-2002”. Representação em óleo sobre tela, com o evento mítico em segundo plano (Foto: Hauley Valim, 2005).

A construção da *capelinha* também significa de alguma forma, no processo de institucionalização da festa e da expressão religiosa, que existe uma relativa autonomia em relação à influência da Igreja Católica na religiosidade popular⁴⁰. Antes da construção, a festa dependia da autorização do padre para que a imagem de Bernardo⁴¹ pudesse compor o principal altar da igreja da vila junto ao santo padroeiro São Benedito. A construção da capela, ainda mais por estar situada dentro de uma propriedade privada, é uma forma particular de acumular poder. Neste sentido, Mariquinha foi se consagrando como uma das principais lideranças políticas na Vila de Regência, fazendo jus aos benefícios políticos concedidos pela preparação ritual e pela relativa detenção da imagem do ícone religioso em

⁴⁰ Aspectos que serão tratados com mais afinco no segundo e no terceiro capítulo da dissertação.

⁴¹ A imagem do ícone está representada no território de duas formas, ambas sob a forma de bustos. A primeira, em bronze, ocupa a Praça de Regência, o epicentro da vila. A segunda imagem, representada em óleo sobre tela com o evento mítico em segundo plano, compõe a parte central da *capelinha* que leva o nome do herói.

sua pousada, que segundo Jean Pierre Vernant, “confere àquele que o tem em posse o privilégio e a exclusividade de determinados poderes” (2001:300). Assim ela vai de encontro à tutela exercida pelo Tamar, que não poderá negar de forma alguma o apoio à festa, pois isso seria ir contra o mais importante evento religioso da vila.

Ao notar a importância que a festa tomou para a população e para o contexto cultural capixaba comecei a investigar qual era o lugar do herói homenageado no processo de construção da identidade étnico-religiosa, processo que será tratado com mais afinco no próximo capítulo. Porém, já não é cedo para afirmar que a expressão religiosa emergente é uma forma alternativa de se construir a identidade, sem que esta tenha que levantar uma *espécie bandeira* como a sua marca maior. Neste caso, desvia-se o foco de atenções da natureza e se volta para a qualidade do *caboclo*, dramatizada nos ritos e narrativas que possuem como figurante central o herói do naufrágio Caboclo Bernardo. Segundo Turner,

Pode-se observar que a história repete os mitos culturais profundos, gerados nas grandes crises sociais, durante os pontos de virada da mudança. Muitos revolucionários mexicanos atravessaram, de fato, uma via-crúcis: como Cristo, homens do povo ou homens da religião, pregaram uma mensagem, obtiveram sucesso inicial, caíram na desgraça, ou frustração ou sofreram fisicamente (aqui há espaço para muitas tristes variações), foram traídos por um amigo ou suposto aliado, executados ou assassinados por altas autoridades políticas do Estado e passaram então por uma curiosa ressurreição legislativa, uma canonização política, manifestada na estatuária pública, na arte popular e elitista, nas formas de socialização escolar, romances, em comemorações anuais e outras formas de imortalização social” (Turner, 2006: 94).

Bernardo, neste sentido, é tomado pelos *caboclos* de Regência como um paradigma, modelo elementar da identidade *cabocla* que vai sendo construída conforme o processo social vai se desenvolvendo. Sua mensagem está impressa no busto de bronze na praça, no museu e principalmente na memória do povo. O ritual da festa dramatiza os grandes feitos de Bernardo, que por sua vez renova o ciclo de resistência aos dramas vividos pela comunidade.

Neste caso, Caboclo Bernardo configura-se como uma metáfora ritual dos dramas sociais vivenciados pela comunidade de pescadores. “A metáfora é a maneira que nós temos de efetuar a fusão instantânea de dois domínios de experiência distintos em uma imagem iluminadora, icônica e englobadora” (Turner, 2006:3). O símbolo, neste sentido, rememora

uma espécie de “conhecimento tácito” fundamental para o desfecho de determinadas situações ou conflitos sociais.

Torna-se então o herói um modelo de superação da condição adversa proporcionada pelo drama, no caso originário o salvamento dos naufragos do navio Imperial Marinheiro e no atual o tutelamento da comunidade pelas políticas ambientais e energéticas. É Bernardo, o morador da vila, que supera a condição dramática do naufrágio convertendo-a em uma situação favorável. Constitui-se assim como um paradigma de comportamento para a população da vila que se auto-reconhece cabocla. A perspectiva religiosa, neste sentido, é o caminho anti-estrutural percorrido pelo grupo social (representado por Dona Mariquinha⁴²) que questiona a tutela exercida pelo modelo ambiental do Projeto Tamar. Nesta unidade processual é possível notar a “íntima associação de símbolos religiosos com a ação política” (Turner, 2006:80) e a religião como uma forma de dar sentido às transformações características de um processo dramático, compondo um quadro político alternativo que faz frente ao estabelecido.

Neste processo de ajustamento simbólico e ambiental a tartaruga tornou-se a *espécie bandeira* (animal símbolo) da preservação do ecossistema e o Caboclo Bernardo, o herói do naufrágio, o símbolo focal da festa religiosa e o paradigma-raiz da identidade étnico-religiosa.

1.2.2 CRONOLOGIA DAS UNIDADES PROCESSUAIS

1.2.2.1 O EVENTO FUNDANTE.

O primeira unidade processual aconteceu em 7 de setembro de 1887: o salvamento dos 128 Marinheiros Imperiais do naufrágio em um contexto em que a população da vila não passava de cinquenta pessoas. Não é possível mensurar o impacto que o evento proporcionou, contudo, é necessário ao menos pensar em que implica para os(as) moradores(as) do local

⁴² É necessário destacar que a pesquisa não trata Mariquinha apenas como uma pessoa comum, mas como uma liderança política, e, neste sentido, ao pensar em suas ações necessariamente o leitor deve ter em mente um grupo do qual ela faz parte, uma tradição representada, assim como o Tamar também representa uma tendência, um grupo social.

criar leitos, recolher roupas, cobertores, mantimentos, medicamentos, etc. para um contingente que superava em muito a própria população da vila, sem mencionar que os suprimentos que a abasteciam estavam a pelo menos quatro dias de remada rio acima.

As condições adversas do naufrágio e de suas consequências imediatas propiciaram um cenário propício para o surgimento do herói no local, já que o grande símbolo marítimo do poder imperial havia sucumbido diante do vigor das ondas do mar. É possível pensar em dois movimentos neste contexto específico. Primeiro uma equalização entre os “nobres” marinheiros e os “pobres” ribeirinhos. No segundo movimento a ordem social é invertida; o *caboclo*, mestiço, símbolo de fraqueza constituída pela mistura das raças, é o salvador dos naufragos marinheiros imperiais. No Rio de Janeiro, Bernardo é aclamado oficialmente *herói nacional* por Princesa Isabel em uma série de rituais solenes.

1.2.2.2 A MORTE VIOLENTA DO HERÓI.

Em 1917, trinta anos depois do salvamento do naufrágio, um novo drama se instaura constituindo a segunda unidade processual: a morte trágica de Bernardo. Com um tiro de garrucha no peito disparado por Leonel Ferreira de Almeida tomba morto o *herói nacional*. O acontecimento desperta a vila com um grande sentimento de perda. Os rituais de análise do corpo e do delito; cerimoniais fúnebres; mobilização de policiais, testemunhas e júri (Reis, 2003:86); processos todos eles marcados por longas viagens rio acima, onde as narrativas contam que Bernardo sempre costumava remar. Estes acontecimentos inscrevem na memória coletiva as marcas que perduram através dos séculos, em formas de narrativas e rituais que atualizam anualmente a presença do herói na história da vila.

1.2.2.3 O RESGATE DA MEMÓRIA

Em 1941, por intermédio do Rotary Club de Vitória, “Nobertino Bahiense iniciou o resgate à memória do herói” (Reis, 2003:98), o que pode ser considerado a terceira unidade processual. No entanto, quais seriam as pretensões deste intelectual capixaba em trazer de volta à memória a imagem de um personagem “esquecido”, pelo menos para a sociedade na capital

do Estado? Esta é uma iniciativa que coaduna com a política de identidade fomentada pelos *Estudos de Folclore* no país, que desde a segunda metade do século XIX indagava sobre a “natureza peculiar do ‘ser’ brasileiro” (Cavalcante, 2000: 102). É neste contexto que é criada a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, ligada ao Ministério de Educação e Cultura e a Comissão Nacional de Folclore, vinculada à UNESCO. Tais ações demarcaram um campo intelectual “pela constituição das noções de nação, identidade nacional, brasilidade e cultura brasileira” (Cavalcante, 2000:102).

Os esforços de “resgatar” a memória do herói se materializaram no livro ‘Caboclo Bernardo: o Naufrágio do Imperial Marinheiro e outros – Rio Doce’, escrito por Nobertino Bahiense, membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, o que teria revigorado o sentimento cívico em relação ao herói. Neste contexto, novamente Caboclo Bernardo é instituído como um modelo ideal de ser brasileiro, como já havia acontecido anteriormente em ocasião da visita do herói à capital do Império.

1.2.2.4 O CANAL DE DERIVAÇÃO DE ÁGUAS

No ano de 1999, prevendo o esgotamento dos recursos hídricos de seu entorno, foi construído a sete quilômetros acima da foz do Rio Doce um sistema de derivação de águas nomeado Caboclo Bernardo⁴³, para atender o parque industrial da fábrica Aracruz Celulose. Apesar dos protestos dos(as) moradores(as) da região e tentativas de embargo pelo Ministério Público o sistema de derivação de águas ligou o Rio Doce ao Rio Comboios, que segue margeando o limite oeste do Território Indígena de Comboios⁴⁴ até a fábrica de celulose.

De acordo com os pescadores da vila, o início gradativo da diminuição dos peixes no rio data os finais da década de 1980 e se efetivou como um grande problema para a comunidade local

⁴³ O canal foi implementado pelas prefeituras municipais de Linhares e Aracruz em parceria com a Aracruz Celulose S/A.

⁴⁴ Uma das principais queixas da população do T. I. de Comboios, os indígenas tupiniquim, concernem as alterações no nível de água do rio após ter seu leito usado para canalizar os recursos hídricos até a fábrica. O comportamento sazonal das chuvas, de maio a setembro, permitia que as várzeas do rio fossem aproveitadas no período de estiagem para o cultivo de produtos básicos para subsistência da aldeia, já que o restante do território é arenoso e de baixa fertilidade. Entretanto, após a influência do canal o Rio Comboios mantém o nível mais alto durante todo o ano, impedindo o aproveitamento das margens para o cultivo. Além disso, foram introduzidas pelo canal “espécies alienígenas” no ambiente, como o bagre africano e a piranha. À presença destas espécies é atribuída a responsabilidade pelo desaparecimento dos peixes que compunham o cardápio local (VEIGA, Felipe Berocan, 2005: pp. 101-145).

com a construção do canal de derivação de águas Caboclo Bernardo. A diminuição do nível de água dificulta em muito a entrada de robalos adultos no rio, onde são capturados com mais facilidade, além de impedir o acesso aos lugares propícios para efetuarem as desovas, diminuindo a população dos peixes e dificultando a pesca, segundo os pescadores locais. O que conseqüentemente demandou o deslocamento da maior parte dos meios de produção pesqueira do rio para o mar.

O mar é o lugar dos *peixes medonhos*, segundo o antigo pescador Alberto. Apesar da habilidade dos pescadores a pesca é suspensa nos dias de *virada*, pois as ondas ficam enormes e a correnteza demasiadamente forte, impossibilitando a entrada no mar embarcado ou a nado para a *miração* das redes⁴⁵. Para Alberto, já aposentado, a responsável pela demasiada diminuição do pescado não fora a pesca predatória, mas a diminuição do volume de água do rio, crê que “*os peixes se afastaram da beira*”. Já José de Sabino, herdeiro da principal frota pesqueira da vila, defende, com urgência, o desenvolvimento de pesquisas que viabilizem a criação de robalo em cativeiro, consciente do resultado da pesca predatória e da inviabilidade da pesca no rio. Importa mais o estudo de seus filhos que o interesse deles pela pesca.

Com a diminuição do volume de águas do Rio Doce, resultado do processo de assoreamento e do desvio do curso de águas para a indústria de celulose, restringiu-se a pesca no Rio Doce, local de fácil acesso, agravando a situação ocasionada pela proibição do consumo de carne e ovos de tartarugas marinhas. No deslocamento dos meios de produção de pescado da segurança da extensão do rio para sua foz, o pescador encontra no paradigma Caboclo Bernardo o modelo de ação que atende as necessidades de um lugar marcado pelas intempéries do mar, a foz do Rio Doce. Este tipo de experiência, segundo as interpretações de Victor Turner, funde instantaneamente duas esferas de experiência distintas em um modelo de comportamento de intensa significação (Turner, 2006:03): a experiência do pescador diante dos infortúnios da foz do rio na do paradigma do herói Caboclo Bernardo diante do naufrágio do navio Imperial Marinheiro.

1.2.2.5 AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA FESTA

⁴⁵ Ver a seguir o Circuito Visual de Leitura das formas de produção pesqueira e de sociabilidade na foz do Rio Doce.

Conforme foi analisado ao longo deste capítulo, sobre a população da vila incidiram políticas energéticas e ambientais que se desencadearam em forma de dramas sociais vivenciados pela população local. Segundo foi constatado, os dramas criaram uma conjuntura propícia ao surgimento de novas formas narrativas, simbólicas e de organização políticas (Turner, 2006: 76), contexto através do qual a identidade dos *caboclos* de Regência foi recebendo diferentes conteúdos étnicos (que serão analisados no próximo capítulo) conforme se institucionaliza Festa de Caboclo Bernardo.

O breve levantamento cronológico apresentado, dos últimos 120 anos, teve como objetivo somente mapear, quando muito interpretar, aspectos de intensa significação cultural e social para a população de Regência, acreditando serem eles importantes do ponto de vista processual para a atual configuração da identidade. Somando os aspectos abordados pelo levantamento cronológico às unidades processuais anteriormente analisadas – as políticas públicas e a institucionalização da festa – constituído estará o plano de compreensão para o próximo capítulo desta dissertação, quando será analisado o processo onde a identidade étnica dos *caboclos* de Regência vai recebendo significativos contornos através da dinâmica cultural vinculada aos sentidos que o herói Caboclo Bernardo possui.